

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI
FILOZOFICKÁ FAKULTA

Katedra romanistiky

**A representação da mulher cabo-verdiana na obra de
Oswaldo Osório**

MAGISTERSKÁ DIPLOMOVÁ PRÁCA

Bc. Romana Chovancová

Portugalská filologie

Akademický rok 2022 /2023

Vedúca práce:

PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Olomouc 2023

Čestné prehlásenie

Prehlasujem, že som túto magisterskú diplomovú prácu vypracovala samostatne pod odborným dohľadom vedúcej práce PhDr. Zuzany Burianovej, PhD. a uviedla som všetky použité zdroje.

V Olomouci, dňa 11.05.2023

Bc. Romana Chovancová

„Zpracování diplomové práce bylo umožněno díky účelové podpoře na specifický vysokoškolský výzkum udělené Ministerstvem školství, mládeže a tělovýchovy ČR Univerzitě Palackého v Olomouci (IGA_FF_2021_022)“

PodĎakovanie

Obrovská vdĎaka patrí predovšetkým pani doktorke PhDr. Zuzane Burianovej, PhD. za všetok jej čas, námahu, trpezlivosť a úsilie, ktoré mi venovala. Počas celého štúdia bola nielen mojou univerzitnou profesorkou, ale aj oporou, motiváciou a obrovským vzorom. Jej cenné rady, pripomienky, skúsenosti a obrovská pomoc ma sprevádzali celým mojim štúdiom. Táto diplomová práca vznikla na základe záujmu, ktorý som nadobudla vdĎaka jej hodinám a jej nadšeniu k uvedenej téme. Pani doktorke PhDr. Zuzane Burianovej, PhD. z celého srdca ďakujem, že si ma zobrala pod svoje krídla a dala mi možnosť pracovať s ňou.

Ďakujem taktiež všetkým členom portugalskej filológie, Mgr. Kateřine Ritterovej, PhD., Mgr. Petre Svobodovej, PhD., Dr. Natálií Czopek a Mgr. Antoniovi Fernandovi Santos Costa, ktorí ma sprevádzali celým mojim štúdiom magisterského stupňa a boli mi nápomocní za každých okolností. Každá ich cenná rada, skúsenosť a zážitok ma motivovali a posúvali ďalej. Ich ochota a obetavosť v záujme študentov je neopísateľná a opäť raz je mi veľkou ct'ou byť práve ich študentkou.

V neposlednom rade, moja veľká vdĎaka patrí mojej úžasnej rodine a najbližším priateľom a kolegom, ktorí ma po celý čas motivovali, podporovali a dodávali mi silu vždy, keď som to potrebovala. Táto práca je aj ich výsledkom za všetku tú podporu a vieru, ktorú do mňa vkladali.

ÍNDICE

1. Introdução	7
2. Apresentação de Cabo Verde	9
2.1 Informações básicas sobre o país	9
2.2 Panorama histórico	10
2.3 Panorama cultural e literário	13
3. A posição da mulher na sociedade cabo-verdiana	17
3.1 A luta pela igualdade em Cabo Verde	17
3.2 Estatísticas de Instituto Nacional de Estatística (INE) de Cabo Verde	19
3.3 A posição da mulher na família cabo-verdiana	20
3.4 Kumbóssas	21
3.5 Conciliação entre a vida sociopolítica, económica	22
3.6 Mulheres na participação política e democratização em África	24
3.7 A conclusão	25
4. Representação da posição feminina na literatura cabo-verdiana	27
4.1 A produção dos escritores masculinos apresenta as mulheres cabo-verdianas ...	27
4.1.1 Baltasar Lopes	29
4.1.2 Virgílio Pires	30
4.1.3 Manuel Ferreira	31
4.2 A produção das escritoras femininas representa as mulheres cabo-verdianas	32
4.2.1 Ivone Aída	33
4.2.2 Dina Salústio	34
4.2.3 Fátima Bettencourt	35
4.2.4 Vera Duarte	37
5. A vida e a obra de Oswaldo Osório	38
6. <i>Nimores e Clara & Amores de rua</i>	41
6.1 <i>Nimores e Clara</i>	41
6.2 <i>Amores de rua</i>	44
7. A análise do elemento feminino na obra <i>Nimores e Clara & Amores de rua</i>	48
7.1 A posição social da mulher na sociedade	48
7.2 A posição da mulher dentro da família e na educação dos filhos	51
7.3 A sexualidade	54
7.4 A infidelidade	57

8. Considerações finais	60
Resumo em eslovaco	62
Resumo em inglês	63
Bibliografia	64
Anotação em português	68
Abstract in English	69

1. Introdução

Durante os estudos de licenciatura, descobri o meu interesse pelas literaturas africanas. Elas captaram a minha atenção sobretudo devido à sua diferença, quer da literatura portuguesa e, em geral, das literaturas europeias, quer da literatura brasileira. Por isso, na licenciatura, dediquei a minha tese final à literatura angolana. No mestrado, depois de conhecer a obra do escritor Germano Almeida, comecei a estudar mais profundamente a história, cultura e sobretudo a literatura cabo-verdiana. A principal razão era alargar os meus horizontes literários e obter melhor conhecimento do campo social e cultural das ilhas. Por isso, decidi também a dedicar-me à literatura cabo-verdiana na minha tese de mestrado.

A presente tese é, assim, dedicada à posição da mulher na sociedade cabo-verdiana, abordando a problemática, ao lado de outros setores, também através da sua literatura. Além da apresentação panorâmica da imagem da mulher na obra de alguns autores cabo-verdianos, a tese se concentra na análise da obra *Nimores e Clara & Amores de rua* (2003) do escritor contemporâneo cabo-verdiano Oswaldo Osório.

O trabalho está dividido em duas partes, na parte teórica e na parte prática. A parte teórica oferece uma apresentação geral de Cabo Verde, concentrando-se no desenvolvimento histórico e cultural do país. Além disso, a parte teórica dedica-se também à questão do género feminino na sociedade, ou seja, como era a situação da mulher cabo-verdiana no passado e como ela é agora, em vários setores, tal como na família, no setor laboral ou na política. A seguir, o trabalho irá mostrar-nos como os principais autores cabo-verdianos retratam, nos seus projetos literários ou didáticos, a problemática do género no seu país. Nesta seção, apresentaremos a representação da questão feminina separadamente na obra de mulheres escritoras e na obra de escritores, para podermos comparar as diferentes perceções da mulher cabo-verdiana na literatura.

A parte prática focaliza a obra analisada. Primeiro, oferece as informações sobre a vida e a obra de Oswaldo Osório, autor que apesar de um grande infortúnio que o encontrou – ele perdeu a visão – continua a escrever e publicar os seus livros, graças ao apoio da sua esposa, a quem ele dita as palavras que, deste modo, ajuda o seu trabalho a ver a luz do dia. De forma tão admirável, o autor continua a aparecer na cena da literatura cabo-verdiana e é, atualmente, considerado uma das personalidades mais marcantes do universo literário das ilhas.

Após esta parte informativa, passa-se à análise do livro *Nimores e Clara & Amores de rua* (2003) e analisa-se a representação do género feminino, em diferentes tópicos. O livro

retrata as situações mais comuns do quotidiano com que as mulheres cabo-verdianas se deparam, apontando para os problemas sociais como o desemprego, que as pode levar às vezes à prostituição, para a sua luta por sustentar a família e criar os filhos, para a violência e a opressão masculina, para a questão da emigração, tão típica na sociedade cabo-verdiana. Simultaneamente, é um livro em que um grande tema é o amor e em que o autor celebra o potencial feminino, em várias esferas – biológico, laboral e intelectual –, e em sentido figurado mostra o futuro das ilhas na mulher cabo-verdiana. Este livro chama o nosso interesse também do ponto de vista da construção do livro. A obra reúne dois projetos que captam um enorme espectro de situações diferentes.

A tese apoia-se em estudos de cunho historiográfico, social, cultural e literário. Na parte teórica, dedicada à história das ilhas, a principal fonte foram os estudos do historiador checo Jan Klíma, sobre a história e cultura das ilhas de Cabo Verde. A apresentação da história da literatura cabo-verdiana baseia-se, principalmente, nos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa do teórico português Pires Laranjeira. A apresentação panorâmica do género feminino na obra de alguns autores cabo-verdianos apoia-se, principalmente, na tese da doutoranda Sonia Maria Alves de Queiroz, feita na Universidade de São Paulo. Na parte analítica a tese trabalha com estudos literários dedicados à obra de Oswaldo Osório. Além disso, consultámos várias outras fontes, desde trabalhos de dissertação, textos jornalísticos e entrevistas, até estatísticas e dicionários.

O objetivo desta tese é contribuir para o conhecimento do universo cultural e literário de Cabo Verde, sobretudo da obra de Oswaldo Osório, mas também apontar para a importância da mulher no desenvolvimento da sociedade cabo-verdiana, sociedade que é, apesar patriarcal, fundamentalmente matrifocal. Como diz a escritora Dina Salústio, em Cabo Verde quando nasce uma menina, ela já é uma mulher.¹

¹ Apud Sonia Maria Alves de Queiroz, *Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010, p. 46.

2. Apresentação de Cabo Verde

2.1 Informações básicas sobre o país

A República de Cabo Verde é constituída por quinze ilhas, divididas em dois grupos - as Ilhas de Barlavento e as Ilhas de Sotavento, situadas no Oceano Atlântico. A ilha da maior extensão é Santiago, que pertence ao grupo das Ilhas de Sotavento. Estende-se em quase um quarto da superfície de todo o arquipélago, situando-se nela a capital Praia. A segunda cidade mais importante, Mindelo, encontra-se na Ilha de São Vicente, nas Ilhas de Barlavento. Mindelo é considerado o centro cultural e artístico de Cabo Verde. As ilhas de Cabo Verde ocupam a parte meridional de Macaronésia, têm o clima semidesértico e são de origem vulcânica. Enquanto os ventos orientais trazem a seca e a areia da Saara de maneira extensa, os ventos ocidentais contêm muito poucas precipitações. A única ilha que capta ventos húmidos é Santo Antão. Por esta razão, durante a sua história, as ilhas sofreram de problemas de seca, falta de vegetação e erosão da terra, que causaram muita pobreza e fome.

A vegetação compõe-se principalmente de suculentos, catos e arbustos baixos. Um papel significativo na agricultura do país têm desempenhado os arbustos chamados purgueira (*Jatropha curcas*), cujos frutos são propensos para a produção de sabonetes. Uma parte importante da economia nas terras vulcânicas e irrigadas é formada pela produção de milho, mandioca, tabaco, cana-de-açúcar, amendoins, cítricos, mamões, bananas e cafeeiros. Em algumas partes mais favoráveis, as pessoas conseguem cultivar a vinha. Outra parte da economia importante é feita pela produção do grogue. Graças à posição das ilhas, a pesca, apesar de ser limitada por causa do mar inquieto e da falta do equipamento técnico, forma também uma parte da economia. Atualmente, o que fomenta muito a economia é o turismo. Cabo Verde tornou-se o arquipélago muito desejado e visitado pelos turistas de todo o mundo. O turismo tem o papel muito significativo na redução da pobreza nas ilhas. Além do turismo, nas ilhas desenvolveu-se também significativamente a reparação dos navios.

A população das ilhas é de 600 000 de habitantes. A maior parte da população situa-se na ilha de Santiago. A emigração tem sido um fenómeno muito comum na história do país; a diáspora cabo-verdiana na atualidade é maior do que a própria população de Cabo Verde. Por causa da pobreza, as pessoas têm emigrado sobretudo para a América e para os países europeus, nomeadamente para Portugal, assim como para a África. A língua oficial das ilhas de Cabo Verde é o português desde os tempos da colonização, mas a maioria dos habitantes locais comunica entre si em crioulo cabo-verdiano, derivado do português e de línguas africanas. O

linguista e o actual Ministro da Cultura, Manuel Veiga, tenta proclamar o crioulo como a língua oficial do país. No que se refere à religião, a predominante é a católica. A maioria dos cidadãos são cristãos, mas existem também algumas denominações protestantes, muçulmanos e judeus. A República de Cabo Verde faz parte das organizações mundiais, entre os quais pertencem a Organização das Nações Unidas, Grupo Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Comissão Económica para a África, União Africana ou Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Com a União Europeia tem um estatuto de parceira especial.

2.2 Panorama histórico

A descoberta das ilhas é acompanhada por muitas lendas não muito bem confirmadas. Uma delas diz que o marinheiro português Cadamosto, juntamente com o mercador genovês Antonio Uso di Mare, descobriram em 1456, acidentalmente, as ilhas no caminho do Cabo Branco para o sul “guineense”.² Contudo, Cadamosto descreveu o território só em 1507, quando falou sobre um rio grande cheio de peixes e grandes tartarugas. Como essas alegações não correspondiam à realidade das ilhas e, além disso, não há nenhum documentário oficial da descoberta, a descoberta de Cadamosto permanece disputável.³ Inquestionável fica, porém, a viagem empreendida em 1460 pelo experiente navegador Diogo Gomes, que já havia estudado os rios Gâmbia e Senegal, e pelo capitão Antonio da Noli.⁴ Em Abril de 1460, eles saíram do Continente europeu e, após dois dias de navegação em mar aberto, chegaram até o arquipélago. Diogo Gomes lançou âncora na Ilha de Santiago em uma praia clara, que parecia ser um bom porto. A pronta notícia de Diogo Gomes de 1460 documenta que eles realmente descobriram as primeiras ilhas orientais – Boa Vista, Sal, Santiago e Maio.⁵ As ilhas eram desabitadas, com natureza exuberante e pássaros estranhos.

O navegador de origem genovesa Antonio da Noli chegou à Ilha de Santiago com a sua família e com um grupo de portugueses do Algarve e do Alentejo. A sua tarefa foi povoar a ilha. Outro capitão – donatário encarregado com esta missão - foi o escudeiro Diogo Afonso. Já em 1463 viviam na Ilha de Santiago os primeiros habitantes permanentes, chamados de “moradores”⁶. Em 1466, dois franciscanos foram levados aos colonos, para batizarem negros

² Cf. Jan Klíma, *Dějiny Kapverdských ostrovů, Dějiny Svatého Tomáše a Princova ostrova*, Praha: Nakladatelství lidové noviny, 2017, p. 17.

³ Idem, *ibidem*.

⁴ Idem, *ibidem*.

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ Idem, *ibidem*, p. 18.

pagãos trazidos do Continente africano. Neste ano, os navios portugueses começaram a trazer os primeiros escravos e os colonos pediram que eles pudessem exercer o negócio com os escravos. Três anos depois, em 1469, a Coroa portuguesa emitiu o primeiro “contrato de concessão”, que permite a compra e a venda de escravos negros da costa oeste africana.⁷ Isso significou o início do povoamento de Santiago. Como a vida na ilha era difícil para os brancos por causa do trabalho e condições duras, em 1472 foi emitido o decreto real⁸, que concedeu aos cidadãos permanentes de Santiago o privilégio de ter escravos brancos, homens e mulheres, que trabalhariam para eles.

Quando Bartolomeu Dias contornou em 1488 o Cabo da Boa Esperança, a importância de Cabo Verde aumentou. Cabo Verde tornou-se uma zona de transição, assim como uma zona de onde era possível supervisionar e assegurar as rotas marítimas para África. Assim, as ilhas serviram como pontos de abastecimento para as naus. Desta forma, vários missionários, comerciantes, assim como exiliados e degredados chegaram a Cabo Verde. Porém, o maior interesse era pelos escravos. Cabo Verde tornou-se um dos maiores locais de transbordos e os escravos tornaram-se um item de exportação permanente. Os escravos eram em Cabo Verde educados e depois vendidos para diferentes países. O interesse do Brasil pelos escravos aumentou enormemente na segunda metade do século XVI. No início do século XVII, o comércio de escravos fornecia a Cabo Verde 72% das divisas.⁹ Ao passo que os brancos tentaram desenvolver o comércio e a administração, o arquipélago assumiu cada vez mais o elemento africano.

No século XVI, começaram a desenvolver-se os negócios internacionais e comerciantes brancos, chamados também de “homens poderosos”,¹⁰ chegaram a Cabo Verde. Apesar de viverem no arquipélago apenas temporariamente, tiveram várias relações amorosas com as escravas. Assim, aumentou o número de “filhos da terra” - mulatos, que os pais brancos reconheciam como os seus descendentes legítimos.¹¹ Assim, começou a formar-se a sociedade miscigenada, que é típica para Cabo Verde. A população em Cabo Verde passava por grandes mudanças formando vários grupos sociais, entre os quais um papel importante desempenhavam “os estantes estrangeiros” ou “os forasteiros”.¹² Os séculos XVI e XVII eram marcados pela estabilização da sociedade e pelo crescimento do comércio.

⁷ Idem, ibidem, p. 19.

⁸ Idem, ibidem.

⁹ T. Bentley Duncan, *Atlantic islands Madeira, Azores and the Cape Verde in seventeenth-century commerce and navigation*, Chicago-London: University of Chicago Press, 1972, p. 204.

¹⁰ Jan Klíma, *Dějiny Kapverdských ostrovů, Dějiny Svatého Tomáše a Princova ostrova*, op. cit., p. 25.

¹¹ Idem, ibidem.

¹² Idem, ibidem, p. 28.

Nos anos 1580-1583, pela primeira vez, é documentada uma grande fome nas ilhas por falta de humidade. Toda a safra foi destruída pela seca e um grande número de pessoas morreram ou partiram.¹³ Nos tempos seguintes, Cabo Verde sofria com grandes secas cíclicas, que causavam fome e alta mortalidade. Apesar de todos os problemas, Cabo Verde permanecia um território importante para a política ultramarina portuguesa.

A economia de Cabo Verde foi dependente da escravatura durante muito tempo. A situação mudou em 1815 com a abolição da venda dos escravos.¹⁴ Devido à proibição do tráfico de escravos, no ano 1834 havia em Cabo Verde 51 854 cidadãos livres e apenas 3 974 escravos.¹⁵ A abolição total da escravatura em Cabo Verde ocorreu no ano de 1869 com a declaração da “abolição do estado de escravidão em todos os territórios da monarquia portuguesa”.¹⁶

No século XIX, em Cabo Verde começou a desenvolver-se o sistema de educação e a cultura. Em 1817, a primeira escola primária foi estabelecida na Praia, mas faliu em breve devido a problemas de organização.¹⁷ Em 1898 funcionavam em Cabo Verde 73 escolas primárias.¹⁸ Quando o Brasil ganhou a Independência em 1822, começaram a surgir ideias sobre a independência de Cabo Verde. Em 1823, porém, as frotas portuguesas desembarcaram em Cabo Verde e os radicais com ideias libertadoras foram presos. Neste período, formou-se a segunda cidade muito importante, principalmente para a cultura cabo-verdiana, Mindelo, por iniciativa do então governador Joaquim Pereira Marinha, que decidiu constituir na década de 30 uma cidade na baía do Porto Grande, da ilha de São Vicente, que representava um ancoradouro ideal até para maiores navios.

Em meados do século XX começaram a espalhar-se na África portuguesa movimentos libertadores. A luta pela independência em Cabo Verde é ligada com a da Guiné-Bissau. Em 1949, um jovem estudante, Amílcar Cabral, de ascendência guineense e cabo-verdiana, foi para a Praia, onde concebeu programas sobre cultura, folclore e música cabo-verdiana na Rádio clube de Cabo Verde.¹⁹ O seu objetivo foi despertar a opinião pública contra o colonialismo português. Após o regresso a Lisboa, Amílcar Cabral começou a pensar em aplicação política

¹³ Veja: António Carreira, *Cabo Verde. Formação e extinção de uma sociedade escravocrata (140-1878)*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2000, p. 196.

¹⁴ Jan Klíma, *Dějiny Kapverdských ostrovů, Dějiny Svatého Tomáše a Princova ostrova*, op. cit., p. 60.

¹⁵ Idem, ibidem, p. 65.

¹⁶ Iva Cabral, “Apresentação do livro: Cabo Verde - abolição da escravatura – subsídios para o estudo”, disponível em:

<http://www.portaldodconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/351/1/Aboli%C3%A7%C3%A3o%20da%20Escravatura.pdf> (acesso em 5.12.2022)

¹⁷ Jan Klíma, *Dějiny Kapverdských ostrovů, Dějiny Svatého Tomáše a Princova ostrova*, op.cit., p. 85.

¹⁸ Idem, ibidem.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 102.

das associações Casa dos Estudantes e Casa de África. Em 1951, Cabral mudou o seu enfoque para projetos profissionais na Guiné. Os seus co-pensadores mais próximos foram, por exemplo, Abílio Duarte, Aristides Maria Pereira, ou o seu meio-irmão Luís Cabral. Em 19 de Setembro de 1956, os ativistas fundaram o Partido da Independência Africana (PAI).

Nos anos 50, Amílcar Cabral preparava-se para resistência armada na Guiné Portuguesa, enquanto a polícia portuguesa PIDE controlava a situação em Cabo Verde. Em 1956 Cabral oficialmente formou o partido político PAIGCV - Partido Africano para a Independência do Guiné-Bissau e Cabo Verde, que lutou tanto pela independência em Guiné-Bissau, como em Cabo Verde. Em 1961 arrebitou a guerra pela independência na África portuguesa, começando em Angola. As operações da guerra na Guiné foram desencadeadas por Amílcar Cabral em 1963. Em alguns relatórios, o PAIGCV informou que o seu povo estava a mobilizar-se nas ilhas, mas na realidade não houve resistência em Cabo Verde e a guerra pela independência de Cabo Verde ocorreu principalmente no território da Guiné Portuguesa.²⁰ Em 24 de Setembro de 1973, alguns meses depois do assassinato de Amílcar Cabral, foi declarada por unanimidade a independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde, reconhecida pela ONU.²¹ A declaração oficial da Independência do Estado de Cabo Verde ocorreu após a queda do regime salazarista em Portugal, em 5 de Julho de 1975.

2.3 Panorama cultural e literário

A cultura cabo-verdiana é caracterizada pela forte heterogeneidade, ou seja, pela miscigenação de elementos de origem europeia e africana. Começando com a língua, a língua do povo considera-se o crioulo cabo-verdiano. Cada ilha tem a sua variante de crioulo, porque nas diferentes ilhas, diferentes línguas participaram na criação do dialeto. Em São Vicente era o francês, na Boa Vista o italiano e na Brava o inglês. Atualmente, o crioulo está oficialmente em processo de criação duma norma.

O país é muito conhecido pela sua música, que reuniu impulsos africanos, portugueses, brasileiros e norte-americanos. As formas musicais mais típicas e difundidas, morna e coladeira, desenvolveram-se principalmente nas ilhas da Brava e São Vicente. A morna cabo-verdiana assemelha-se ao fado português. As raízes africanas estão presentes nos gêneros musicais de batuque e funaná, praticados sobretudo nas ilhas de Santiago e Fogo. Outro género é a tabanca que acompanha as festas rituais da tabanca em todas as ilhas e hoje faz parte inseparável dos

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 112.

²¹ Idem, *ibidem*, p. 118.

carnavais populares. A cantora mais famosa de Cabo Verde considera-se Cesária Verde, que nasceu 27 de Agosto de 1941 e morreu 17 de Dezembro de 2011, nos seus setenta anos.

A arquitetura cabo-verdiana nasceu de inspiração portuguesa e africana. Muito impressionantes são as ruas históricas das povoações mais antigas com casas térreas que evocam as aldeias portuguesas do século XIX. Cabo Verde é um dos poucos países do mundo lusófono onde as estátuas dos descobridores e governadores portugueses não foram destruídas.

As artes plásticas têm estado ligadas à arte popular e ao conhecimento dos materiais tradicionais disponíveis para a criação artística. Desenvolveu-se principalmente cestaria, tecelagem de algodão ou a produção de tecidos batique. A pintura cabo-verdiana combina o dinamismo e colorismo africano com a sofisticação europeia. Aos pintores cabo-verdianos mais conhecidos atualmente pertence Kiki Lima, cujas pinturas se dedicam aos temas de dança, mulheres, ou cenas cotidianas como o mercado.

No século XX, um importante papel de documento começaram a desempenhar fotografias artísticas. Vários artistas e diretores conseguiram converter a fotografia em cinema. Hoje em dia, os fotógrafos, diretores de cinema e dramaturgos cabo-verdianos criam obras interessantes que são premiadas e internacionalmente conhecidas. Entre os filmes mais famosos pertencem, por exemplo, *Coração atlântico* (2016, diretor Robbie McCallum), *Hora do bai* (2017, diretora Semira Vera-Cruz) ou o documentário *Proud to be Cape Verdean: Look at Cape Verdeans in the golden state* (2012, diretor Mike Costa).

A primeira forma de literatura cabo-verdiana desenvolveu-se sob influências africanas e portuguesas da literatura oral folclórica. A introdução da imprensa em 1842 na Ilha de Boa Vista com o primeiro imprimido *Boletim Oficial do Governo Geral de Cabo Verde*,²² chamou a atenção para a palavra escrita. Na evolução da literatura cabo-verdiana podemos distinguir várias fases. Desde a introdução da imprensa até 1925, ocorre o primeiro período que podemos chamar de iniciação.²³ Os escritores escreveram sobre os temas típicos para Cabo Verde, como as condições geográficas, a seca, o descontentamento do povo, a emigração. Muitos dos primeiros textos não eram ainda literariamente estilizados e os poemas mais antigos eram, maioritariamente, escritos em crioulo. Alguns textos da época já contêm influências do baixo romantismo e do parnasianismo. Uns dos primeiros autores da literatura cabo-verdiana clássica e pan-africanista são Eugénio Tavares e Pedro Cardoso. Segundo Pires Laranjeira, a publicação dois livros de poemas de Eugénio Tavares em 1916, chamados *Amor que salva* e *Mal de amor*:

²² Cf. “Historia dos Media em Cabo Verde”, 30 de Março de 2007, disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/media/hm.htm> (acesso em 4.11.2022)

²³ Pires Laranjeira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta, 1995, p. 180.

coroa de espinhos, podem ser considerados como encerramento da fase “em que a atmosfera de fim-de-século se prolonga textualmente.”²⁴

Segundo período da literatura cabo-verdiana chamado Hesperitano, ocorre entre os anos de 1926 e de 1935. O nome relacionado com este período é, prioritariamente, Manuel Ferreira que chega com o conceito de caboverdianismo, caracterizado, por Laranjeira, como regionalismo telúrico.²⁵ Este período caracteriza-se pela procura da identidade cabo-verdiana fora da identidade europeia e africana, recorrendo ao antigo mito grego das Hespérides. O mito hesperitano unificou-se um tema comum nalgumas obras desse período, como *Jardim das Hespérides* (1926) de Pedro Cardoso ou *Hesperitanas* (1929) de José Lopes.

O período seguinte, começando a partir de 1936, que durou, aproximadamente até 1957, foi o período da expansão literária simbolizada pelas revistas *Claridade* e *Certeza*. A divisão de Pires Laranjeira não distingue diferentes fases dessas revistas, mas distingue os temas e o conceito de escrever. A época da expansão de revista *Claridade* tem vários nomes, como a fase de Regionalistas, de Claridosos ou da Cabo-verdianidade. O nascimento da revista era muito importante pelo poder de exprimir os pensamentos coletivos dos cabo-verdianos de modo mais autêntico. Pires Laranjeira diz:

Claridade iniciava-se com um testemunho vivo de respeito pelos valores cabo-verdianos, privilegiando, num lugar de destaque, a língua crioula, que durante anos de colonialismo foi objeto de repressão. Era, assim, um desafio à autoridade, assumindo como defesa das raízes mais profundas do povo.²⁶

Geralmente, os fundadores da revista, Baltazar Lopes da Silva, Manuel Lopes e Jorge Barbosa, assim como outros jovens intelectuais, enfocaram-se em temas regionais e intentam renovar os valores próprios da terra cabo-verdiana.

Em contraste, a revista *Certeza*, entrando na cena em 1944, influenciada, prioritariamente, pelo neorrealismo português, foi fundada por Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira ou Manuel Ferreira, o escritor português, que trouxe o neorrealismo de Lisboa para o arquipélago. O tema principal era retratar um destino nacional difícil. Pires Laranjeira diz:

Manuel Ferreira considera que a *Certeza* não se preocupa com as raízes crioulas do arquipélago (língua e cultura crioulas), sintonizando antes com a ideologia subjacente ao Neo-realismo e, portanto, como que preocupando-se com o genérico homem dominado. [...] O que estava fora incidia o olhar sobre o íntimo cultural; os que estavam dentro, porque eram demasiado jovens, alheavam-se, por desconhecimento, da realidade etno-cultural, visando a universalização da

²⁴ Idem, *ibidem*.

²⁵ Cf. Idem, *ibidem*, p. 181.

²⁶ Idem, *ibidem*, p. 190.

denúncia, sem, todavia, chegarem a um estágio de desenvolvimento capaz de operar uma síntese radicalmente inovadora.²⁷

Entre os autores desta época destacam-se Teixeira de Sousa, Arnaldo França, ou Orlanda Amarílis.

O quarto período Pires Laranjeira chama cabo-verdianidade,²⁸ que chega com um novo periódico, *Suplemento cultural do Boletim de Cabo Verde*. Este período, começando em 1958 e indo até 1965, considera-se como um novo conceito de cabo-verdianidade, mas agora o credo negritude já não é desdenhado. A literatura considera-se anticolonial e com o reforço da consciência do componente africano na cultura de Cabo Verde. Com a base nesse conceito, o escritor Gabriel Mariano especificou as características da população no seu ensaio chamado *A Mestiçagem: seu papel na formação da sociedade caboverdeana* (1958). Alguns dos nomes importantes e conhecidos deste período são Ovídio Martins, Onésimo Silveira, Manuel Ferreira, Aguiinaldo Fonseca ou Terêncio Anahory.

Em 1966, abre-se um novo, quinto período, universalista,²⁹ que dura até 1982, inspirado, entre outros acontecimentos, pelos problemas dos países africanos recentemente liberados, assim como pela luta pela independência na África portuguesa. Ao mesmo tempo, os autores beneficiaram-se do interesse tardio do império português pela cultura cabo-verdiana. Os temas e as abordagens íntimas, abstratas e cosmopolitas deslocaram o regionalismo existente. O fim do colonialismo trouxe consigo uma nova geração de autores como Henrique Teixeira de Sousa, Luís Romano de Madeira Melo, Oswaldo Osório ou Gabriel Mariano.

A fase subsequente no desenvolvimento da literatura cabo-verdiana, segundo alguns historiadores a fase última,³⁰ que dura até hoje, foi aberta por Germano Almeida e Leão Lopes com a publicação da revista *Ponto e vírgula* em 1983, começando como uma fase de contestação.³¹ Este período destaca-se pela qualidade refinada e pela quantidade das necessidades intelectuais da nação autoconfiante e independente. Na produção literária cabo-verdiana mais recente não há limitação nos temas e, geralmente, caracteriza-se pela diversidade, politematicismo e invenção na área formal em poética, prosa e obra ensaística. Nesta fase destacam-se as obras de Germano Almeida, Ivone Ramos ou Eileen Almeida Barbos. Além da ficção, nas fases posteriores do desenvolvimento da literatura cabo-verdiana, têm-se publicado estudos históricos, literatura didática, títulos antropológicos e culturais.

²⁷ Idem, ibidem, p. 215.

²⁸ Idem, ibidem, p. 183.

²⁹ Idem, ibidem.

³⁰ Cf. Jan Klíma, *Dějiny Kapverdských ostrovů, Dějiny Svatého Tomáše a Princova ostrova*, op. cit., p. 156.

³¹ Pires Laranjeira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, op. cit., p. 184.

3. A posição da mulher na sociedade cabo-verdiana

“O conceito de género é uma construção social do indivíduo masculino e feminino”.³²

Há muitos estudos sobre os géneros e sobre as diferenças entre homens e mulheres, assim como há tentações de classificar os papéis de cada género, e tudo isso para compreender melhor o essencial, que são as diferenças e a posição na sociedade de cada género. As diferenças entre os géneros na sociedade não partem dos aspetos biológicos, que determinam os indivíduos e produzem as desigualdades. As diferenças entre os géneros, assim como o seu aprofundamento cada vez maior, são provocadas sobretudo pela socialização, institucionalização e industrialização com o carácter normativo. Assim, as desigualdades entre estes dois grupos de população não são precisamente o problema evolucionar ou biológico, mas mais antes um problema cultural, construído pela sociedade, que está a ultrapassar os indivíduos.³³

Neste respeito, surge a seguinte pergunta: “Se a subordinação da mulher não é justa, nem natural, como se chegou a ela e como se mantém?”³⁴ A subordinação define-se como uma relação de dois ou mais elementos, quando um ou alguns são dependentes de outro, superior. Assim, o homem representa o ser superior do qual a mulher é dependente, e a posição da mulher é subordinada. A posição social ocupada pelas mulheres era, e ainda continua a ser, diferente do que a posição dos homens em muitas sociedades. Por tanto, o feminismo quer alterar a percepção da mulher no nível social. O fundamental aqui é perceber que “o que é construído pode ser modificado. [...] as maneiras como as mulheres são percebidas seria possível mudar.”³⁵

Para que a igualdade seja efectiva, é necessário criar condições específicas, pelo que equidade de género significa igualdade de oportunidades e condições de homens e mulheres em todas as esferas da nossa vida, educação, saúde, trabalho, emprego, e especialmente no exercício do poder e na partilha das responsabilidades familiares.³⁶

3.1 A luta pela igualdade em Cabo Verde

³² Ulisses do Rosário Borges da Veiga, *Conciliação entre vida profissional e familiar em Cabo Verde. O papel do estado e das famílias*, Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2010, p. 9.

³³ Cf. Idem, ibidem, p. 10.

³⁴ Adriana Piscitelli, Ana Maria Goldani, *A Prática feminista e o conceito de género*, São Paulo: IFCH/UNICAMP, 2002, p. 9.

³⁵ Idem, ibidem.

³⁶ *Mulheres e homens em Cabo Verde, factos e números*, Praia: Instituto Nacional de Estatística, 2008, p. 7.

O movimento feminista, que surgiu já no século XIX, começou a ganhar espaço a partir da década de 1920. Em vários países da Europa, América e outros continentes começou a impor-se os direitos das mulheres, pedir a equivalência entre os géneros e prestar-se mais atenção ao elemento feminino dentro da sociedade. Esta luta intensificou-se sobretudo na década de 1960, quando um grande número de instituições, movimentos e ativistas discutiram o tema de direitos iguais, assim como defenderam o pensamento feminista.

Em Cabo Verde, um dos primeiros marcos na história da representação social da mulher cabo-verdiana considera-se o ano de 1979, quando foi fundada a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres. É um dos primeiros acordos que falam sobre a proteção dos direitos humanos, ratificado pelo Estado de Cabo Verde.³⁷ Em conexão à criação deste acordo, em 5 de Dezembro de 1980 formou-se o primeiro Comité sobre a Eliminação da Discriminação contra as Mulheres. Além disso, neste ano a população feminina alcançou uma pequena vitória, porque pela primeira vez uma mulher integrou o Parlamento.³⁸ Outro ano importante é 1981, quando se formou a Organização de Mulheres de Cabo Verde (OMCV). A organização, entre outras coisas, alcançou a incorporação do elemento feminino no desenvolvimento e na produção de legislações, como o Código de Família ou a Lei de Despenalização do Aborto.³⁹ O dia, quando foi criada esta organização, 27 de Março, declarou-se como o Dia da Mulher Cabo-verdiana.

No ano 1994 foi criado o Instituto Nacional para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG) pelo Gabinete do Primeiro-Ministro. É o órgão governamental, que quer garantir os direitos das mulheres em Cabo Verde e promover a igualdade de género em todas as áreas na vida. Até hoje foram elaborados pelo Instituto dois planos concretos: entre os anos 1996 e 2000 nasceu o Plano de Ação Nacional, e entre os anos 2005 e 2009 originou-se o Plano Nacional para a Igualdade e Equidade de Género (PNIEG).⁴⁰

Ambos os planos têm como base os princípios da Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW) e seus objetivos são promover políticas que deem ênfase à igualdade de género e à participação da mulher em todas as esferas da vida.⁴¹

³⁷ Cf. Sonia Maria Alves de Queiroz, *Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras*, op. cit., p. 25.

³⁸ Cf. *Mulheres e homens em Cabo Verde, factos e números*, op. cit., p. 13.

³⁹ Idem, ibidem.

⁴⁰ *Quem beneficia com a liberalização do comércio em Cabo Verde? Uma perspetiva de género*, Geneva: Publicação das Nações Unidas, 2011, p. 17.

⁴¹ Idem, ibidem.

No que se refere à participação de Cabo Verde em instituições internacionais, vale a pena mencionar a União Africana (UA) e a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO). Estes pactos desempenham o papel demasiado importante, com fim de ambos lutarem contra a desigualdade de género e contra a discriminação das mulheres. Além destes dois pactos, há outros documentos e leis que querem ajudar a promover os direitos iguais para homens e mulheres. Uma das mais importantes é a própria Constituição de Cabo Verde de 1992, que apresenta a participação equilibrada na sociedade entre homens e mulheres como um direito fundamental não só em Cabo Verde, mas em dimensão nacional. As leis conexas, que reconhecem alguma menção sobre a igualdade de género, são o Código Penal, a Legislação Eleitoral, o Código Laboral, ou o Código Civil.⁴²

Desde o ano 2006, começando com o Programa de Governo 2006-2011 e seguindo o Programa de Governo 2011-2016, nas legislaturas VII e VIII destes programas estabelecem-se os objetivos nacionais para melhorar e inovar o país. Em relação à questão de género, ambos programas abrangem uma série de ações para melhorar a qualidade da vida das mulheres cabo-verdianas.

3.2 Estatísticas de Instituto Nacional de Estatística (INE) de Cabo Verde

O Instituto Nacional de Estatísticas (INE) é o órgão público em Cabo Verde que produz estatísticas oficiais da República de todas as áreas possíveis da vida, na base duma análise da situação nacional. O censo, de onde obtivemos os dados seguintes, foi feito no ano 2021: a população residente em Cabo Verde em total são 491.233 habitantes, dos quais a minoria, 244.870, são as mulheres. As mulheres representam 49,96%, das quais 182.722 mulheres moram no meio urbano e 62.148 no meio rural.⁴³ Assim podemos ver que os géneros na sua representação na sociedade cabo-verdiana são mais ou menos equilibrados. A estatística mostra-nos o problema ainda presente em Cabo Verde, que é o analfabetismo. O censo era feito na população residente em Cabo Verde por minimamente 3 anos. De total 44.676 pessoas analfabetas, são 29.452 mulheres, que representam a maior parte, 66% da população analfabeta.⁴⁴ No censo de crianças com menos de 4 anos de idade vemos também um equilíbrio. Das 45.540 crianças eram 23.111 rapazes e 22.429 meninas.⁴⁵ Interessante é o censo da

⁴² Cf. idem, ibidem, p. 77.

⁴³ Ficheiro Cabo Verde em números – corrigido, 3 de Abril de 2023, disponível em: https://ine.cv/censo_quadros/cabo-verde-corrigido/ (acesso em 2.5.2023)

⁴⁴ Idem, ibidem.

⁴⁵ Idem, ibidem.

população sem abrigo, que foi feito no censo de 2010. Em total houve 192 habitantes sem casa, dos quais a população feminina representa só 3,13%, numericamente são 6 mulheres, 4 na Praia e 2 em São Filipe, enquanto o número de homens sem casa é 186.⁴⁶ Esta categoria já não faz parte do censo em 2021.

Em 2018 o Instituto Nacional de Estatísticas fez diferente tipos de estatísticas, entre quais se encontra, por exemplo, o Censo Prisional. Em relação ao nosso tema, apresentamos a estatística segundo a tipologia do crime cometido, concretamente a violência baseada no género. De 86 crimes, 85 eram causados pela população masculina.⁴⁷ Além do Censo Prisional surgiu também “Anuário Estatístico 2018”, dedicado a 17 categorias diferentes, entre as quais a quinta é dedicada a “Igualdade de Género”. Nele se indica, por exemplo, a percentagem dos assentos ocupados pelas mulheres no Parlamento Nacional. No ano de 2001, as mulheres representaram 11,1% no Parlamento, enquanto no ano de 2017, o número foi já 26,3%. No que se refere aos assentos nos cargos de chefia, em 2015 as mulheres ocuparam 35,1%, enquanto em 2018 ocuparam já 43,9%. As estatísticas mostram, que em 2018 já uma maior parte da população feminina (aproximadamente 71%) teve a oportunidade de dispor dum telemóvel.

3.3 A posição da mulher na família cabo-verdiana

Ao longo da história de Cabo Verde, as mulheres cumpriram um papel muito importante na família. O núcleo da família formava-se, na maior parte, por mães e filhos. Assim, uma das características principais é que a família cabo-verdiana era uma instituição matrifocal. Por causa das condições de vida desfavoráveis e duras, nomeadamente a seca e a fome, a população masculina emigrava em busca de trabalho para a Europa ou a América. A emigração via-se frequentemente como a única opção para sobreviver, e por isso, as mulheres tiveram de encarregar-se do papel de chefias da casa e da família. Apesar de existir em Cabo Verde uma multiplicidade familiar, predomina a família baseada na presença de apenas a mulher. A proporção de famílias chefiadas por mulheres é de 40%.⁴⁸

⁴⁶ Tabla de RGPH 2010 – Cabo Verde em números, 10 de Janeiro de 2017, disponível em: <https://ine.cv/quadros/rgph-2010-cabo-verde-em-numeros/> (acesso em 4.5.2022)

⁴⁷ Tabla de I Recenseamento Prisional, 17 de Maio de 2019, disponível em: <https://ine.cv/quadros/i-recenseamento-prisional-2018/> (acesso em 5.5.2022)

⁴⁸ Crispina Gomes, *Mulher e poder o caso de Cabo Verde*, Praia: IBNL, 2011, p. 155.

Como em todos os aspetos da vida, a história da nação reflete-se na constituição da família atual. A nação cabo-verdiana foi formada através da miscigenação de homens brancos europeus com mulheres negras escravas. Evidenciando esta realidade, do ponto de vista cultural existem diferentes tipos da família cabo-verdiana. Existem as que se identificam mais com os valores europeus, outras se parecem mais com o modelo da família africana. Outro fenómeno interessante, ainda presente na sociedade cabo-verdiana, é a poligamia.

A antropóloga Andréa Lobo, que pesquisou a família na ilha da Boa Vista, averiguou que a família era a prioridade da vida, que a hierarquia na família era um aspeto principal e que as pessoas davam muita importância à linha consanguínea. Do mesmo modo, para as pessoas na ilha era importante a relação conjugal, mas como havia uma forte mobilidade do homem, a mulher era considerada o núcleo da família. O homem podia estar na família fisicamente ausente, enquanto a mulher era responsável pela casa ficando aí, zelando pela educação dos filhos e pelo sustento financeiro da família. Ao contrário, por causa da sua frequente ausência, o homem não teve nenhum papel importante na família, porque não levou nenhuma responsabilidade por ela.⁴⁹

A partir do ano de 1990, começou a notar-se o surgimento de novas formas familiares em Cabo Verde. As mudanças eram provocadas, prioritariamente, pelo surgimento das leis e dos direitos sobre a igualdade e pelo aparecimento das instituições femininas. As mudanças mais notáveis são: o casamento diminuiu consideravelmente, o número de divórcios aumentou, a atividade profissional feminina aumentou de maneira enorme, os casais começaram a ter menos filhos e o número das mulheres com o ensino superior aumentou muito.⁵⁰

3.4 Kumbóssas

Em crioulo existe um termo que se refere a uma realidade bastante frequente na sociedade cabo-verdiana. Trata-se de mulheres “kumbóssas.”⁵¹ A palavra “kumbóssa” significa “uma conexão entre mulheres que compartilham o mesmo homem, de forma similar aos laços de parentes.”⁵² Ou seja, as mulheres são nomeadas kumbóssas quando “mantêm uma relação

⁴⁹ Cf. Maria Ivone Tavares Monteiro, *Família e género na perspectiva das mulheres kumbóssas: um estudo etnográfico no Concelho de Santa Catarina, Ilha de Santiago/Cv*, Praia: Universidade de Cabo Verde, 2013, p. 17.

⁵⁰ Ulisses do Rosário Borges da Veiga, *Conciliação entre vida profissional e familiar em Cabo Verde. O papel do estado e das famílias*, op. cit., 2010, p. 18.

⁵¹ Maria Ivone Tavares Monteiro, *Família e género na perspectiva das mulheres kumbóssas: um estudo etnográfico no Concelho de Santa Catarina, Ilha de Santiago/Cv*, op. cit., p. 26.

⁵² Idem, ibidem.

fixa em simultâneo com o mesmo homem.”⁵³ Esse fenómeno tem sido registado principalmente na Ilha de Santiago, mas ocorre em toda a sociedade. Para as kumbóssas é muito importante a época, em que entram na vida do homem “compartilhado”. Segundo a ordem de chegada, elas tomam uma certa posição na vida de homem. As diferentes posições têm diferentes nomes e vantagens. A divisão mais geral é segundo o grau da importância na relação: a mulher com a qual o homem é casado, ou com a qual coabita num lar, chama-se “a mulher daquele homem.” Todas as outras mulheres que o homem tem, sem o casamento ou o lar comum, são denominadas “raparigas daquele homem.”⁵⁴

As famílias de kumbóssas tendem para ser desestruturadas, têm muitos membros de diferentes gerações, há grandes diferenças na posição na família segundo o género e segundo a ordem das mulheres, as relações conjugais costumam ser conturbadas. Segundo Tavares Monteiro, as mulheres não estão felizes em tais reações.⁵⁵ Estão em uma luta permanente por ter uma família estável, pelo interesse do homem, ou pela equivalência entre todos os membros da família. Este tipo da família e da coabitação de homens e mulheres é, porém, fortemente enraizada na sociedade cabo-verdiana. O fenómeno de kumbóssas, de maneira evidente, mostra a subordinação absoluta das mulheres aos homens:

... a mulher kumbóssa é comparada a uma planta, com as seguintes características: permanente, estável, dependente e reprodutora, enquanto o homem é apresentado como imprevisível, escasso, independente, inconstante, controlador.⁵⁶

3.5 Conciliação entre a vida familiar e profissional

Por razões históricas e culturais, no passado a população feminina estava basicamente ausente do setor laboral. Uma dessas razões foi a ausência de educação. As mulheres, geralmente, não tiveram educação suficiente para atingir um trabalho mais avaliado:

As mulheres viviam da porta da casa para dentro, enquanto os homens viviam da porta para fora. Algumas mulheres aceitavam, com muita resignação, a sua situação e ignoravam mesmo que ela, algum dia, pudesse reverter-se.⁵⁷

Na atualidade, a situação das mulheres cabo-verdianas no campo laboral tem melhorado bastante. Com um forte movimento feminino, a população feminina começou a alcançar os

⁵³ Idem, *ibidem*.

⁵⁴ Idem, *ibidem*.

⁵⁵ Cf. Idem, *ibidem*.

⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 29.

⁵⁷ Crispina Gomes, *Mulher e poder o caso de Cabo Verde*, op. cit., p. 107.

postos que normalmente eram ocupados pelos homens. As mulheres entraram na política, na educação e muitas conseguiram estar economicamente independentes. Uma das causas mais importantes que contribuiu para a autonomia das mulheres foi o ensino, principalmente o ensino secundário e universitário. Sobre a força da educação no espaço feminino, o sociólogo e antropólogo francês Pierre Bourdieu comenta:

[...] uma das transformações mais importantes na condição das mulheres e um dos factores mais decisivos da transformação dessa condição feminina é sem dúvida o maior acesso das raparigas ao ensino secundário e superior que, em relação com as transformações das estruturas reprodutivas [...], acarretou uma modificação muito importante da posição das mulheres na divisão do trabalho: Observa-se assim um forte aumento da representação das mulheres nas profissões intelectuais ou na administração e nas formas de venda de serviços simbólicas – Jornalismo, televisão, cinema, rádio, relações públicas, publicidade, decoração – e, também uma intensificação da sua participação nas profissões próximas da definição tradicional das actividades femininas (ensino, assistência social, actividade paramédicas).⁵⁸

O número das posições ocupadas pelas mulheres na sociedade cabo-verdiana aumenta cada ano constantemente. Além das posições laborais, muda também o comportamento da população feminina, que já tem consciência de que ser uma mulher não significa só cuidar do lar, mas também a possibilidade de se dedicar a negócios, política, trabalho académico ou outras profissões. Hoje em dia, “evidenciam-se mudanças a nível social, económico, tecnológico e familiar, com grande impacto na vida dos indivíduos, destacando-se a acentuada presença das mulheres no mercado de trabalho.”⁵⁹

A representação profissional feminina no setor de educação aumentou para 64,2%. Do mesmo modo, uma representação forte anota-se no setor de saúde, com 62,1%.⁶⁰ Estas posições são ocupadas pelas mulheres que têm uma qualificação maior. Infelizmente, uma grande parte da população feminina ainda trabalha nos setores sem qualificação concreta, como na agricultura, em serviços de venda ou em fábricas. O cargo, em que as mulheres não têm ainda nenhuma representante, são as Forças Armadas.

Um dos Códigos que contribuem para a igualdade social e laboral é o Código Laboral. O Código foi aprovado pelo Decreto Legislativo e “fortalece o princípio da igualdade entre homens e mulheres, e estabelece que para trabalho igual em situações idênticas a remuneração deva ser a mesma.”⁶¹ O Código no capítulo III abrange vários artigos, concretamente os artigos 270-275, dedicados ao trabalho das mulheres. Os artigos falam sobre a proteção à maternidade,

⁵⁸ Pierre Bourdieu, *A dominação masculina*, Oeiras: Celta Editora, 1999, p. 78.

⁵⁹ Ulisses do Rosário Borges da Veiga, *Conciliação entre vida profissional e familiar em Cabo Verde. O papel do estado e das famílias*, op. cit., p. 14.

⁶⁰ Idem, ibidem, p. 23.

⁶¹ *Quem beneficia com a liberalização do comércio em Cabo Verde? Uma perspetiva de género*, op. cit., p. 17.

o direito de aleitar, assim como sobre a proibição da renúncia das mulheres grávidas, depois do parto ou de mães lactantes. Do mesmo modo, o Código estipula garantias como não trabalhar horas extra nem em turnos noturnos durante a gravidez ou durante o período após o parto.⁶²

Geralmente, na atualidade a situação sociopolítica e económica em Cabo Verde está bastante calma. As relações entre as mulheres e os homens são mais ou menos equilibradas. Comparando com outros países africanos, os campos bastante evoluídos, referindo à questão de mulher, são, principalmente, a participação feminina nas atividades políticas. Como exemplo, no Poder Executivo, oito dos dezanove Ministros são mulheres, havendo assim quase a mesma proporção representativa de género.⁶³ Do mesmo modo nota-se maior participação na educação, com um progresso enorme no campo do combate ao analfabetismo.

Porém, apesar do grande avanço e da adoção de várias leis para a manutenção do equilíbrio social em Cabo Verde, a população privilegiada continua a ser maioritariamente masculina, nos setores de profissão e educação, o que confirma, de forma evidente, a permanência da discriminação com base no género. O desemprego é maior no âmbito feminino, assim como o analfabetismo continua a ser maior entre as mulheres do que entre os homens. Infelizmente, ainda continuam, na sociedade cabo-verdiana, realidades negativas, como as famílias chefiadas só por mulheres serem as mais pobres, ou alta violência contra o género feminino: “de acordo com a Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva de Cabo Verde, 22% das mulheres cabo-verdianas relataram em 2005 terem sido vítimas desse tipo de violência.”⁶⁴ Por esta razão, o Governo tenta melhorar a situação e toma várias providências para a prevenção e penalização da violência com base no género.

3.6 Mulheres na participação política e democratização em África

Cabo Verde pertence à parte da África em que decorrem os processos de democratização e liberalização política. Estes dois processos caracterizam-se como a terceira vaga de democratização,⁶⁵ que foi provocada pela queda do Muro de Berlim e pelo fim da Guerra Fria nos finais dos anos 80 do século passado. Caraterizam-se pela modernização política, assim

⁶² Boletim Oficial, Suplemento, Sumário, I Série, Número 37, Cidade da Praia: Conselho de Ministros: Decreto-Legislativo n. 5/2007, 16 de Outubro de 2007, p. 43, disponível em: <https://www.ilo.org/dyn/travail/docs/1157/Labour%20Code.pdf> (acesso em 08.01.2023).

⁶³ Cf. *Quem beneficia com a liberalização do comércio em Cabo Verde? Uma perspetiva de género*, op. cit., p. 30.

⁶⁴ Idem, ibidem, p.31.

⁶⁵ Carmelita Fonseca & Celeste Fortes, *As mulheres em Cabo Verde: experiências e perspetivas*, Praia: Edições da UNICV, 2011, p. 3.

como pela democratização da área socioeconômica. A extensão da terceira vaga ao contexto cabo-verdiano traz a possibilidade de maior representação feminina na política e na socioeconomia. As dinâmicas da política tentam livrar-se das práticas e dos prejuízos que “relegam o domínio do poder da decisão para os homens, subordinando as mulheres principalmente ao estatuto adquirido no espaço doméstico.”⁶⁶ Quer dizer, sublinha-se o fato que a política e economia não deveriam ser dominadas pelos homens, porque as mulheres têm o mesmo direito de participar nos acontecimentos políticos e económicos como a população masculina.

Apesar de ocupar cada vez mais os lugares de destaque no campo profissional, a representação feminina ainda segue inferior nos cargos políticos. Muitos representantes dos órgãos políticos justificam esta realidade com as explicações de que as mulheres não se interessam pela política, não têm inteligência necessária para captar a importância do discutido ou, devem dedicar-se principalmente à sua família e à educação dos filhos. Para melhorar a situação, o Instituto Nacional para Igualdade e Equidade de Género implementou certas condições para “uma redistribuição igualitária de poder entre mulheres e homens no espaço privado e público,”⁶⁷ e pode-se confirmar que nos últimos anos a situação das mulheres melhorou, registrando-se o crescimento e fortalecimento da maior igualdade. Nas eleições legislativas nos órgãos políticos do ano de 1991, a participação feminina foi de 5%, crescendo para 15,3% no ano de 2006, e em 2011 ela cresceu ainda mais, para 20,8%.⁶⁸ A maior evolução aconteceu no Poder Executivo. Em 1991, com a constituição do primeiro governo integrado por mulheres, a participação feminina foi de, aproximadamente, 6%. Em 2000 a participação passou para 24%, e em 2014 para 40%.⁶⁹

Todas as conquistas mencionadas têm a sua base nos direitos e nas leis estabelecidas, assim como nos diversos eventos internacionais, encontros políticos e debates, os quais Cabo Verde aproveitou com fim da promoção da igualdade dos géneros no país.

3.8 A conclusão

Na sociedade cabo-verdiana, as mulheres durante a história sofreram por muitas formas de violência. Foram praticadas estratégias autoritárias e opressivas para expulsar as mulheres

⁶⁶ Eurídice Furtado Monteiro, *Mulheres, democracia e desafios pós-coloniais: uma análise da participação política das mulheres em Cabo Verde*, Praia: Imprensa Nacional de Cabo Verde, 2009, p. 61.

⁶⁷ Arcádio Lopes, *A problemática da participação das mulheres nos órgãos de poder político: o caso do Parlamento Cabo-verdiano*, Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2013, p. 39.

⁶⁸ Idem, *ibidem*.

⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 40.

das atividades valorizadas, e o seu papel foi reduzido só ao espaço privado da família e casa, sublinhando-se os domínios masculinos no espaço público.⁷⁰ A subvalorização das capacidades das mulheres, da sua força e determinação, a estagnação da população feminina no espaço da família e do seu lar tiveram um impacto negativo no seu desempenho de outras funções sociais.

Como tentámos mostrar, depois da Independência, a posição das mulheres cabo-verdianas gradualmente começou a mudar, como nos confirma também a escritora Vera Duarte:

Foi assim que, paulatinamente, o princípio da igualdade foi encontrando consagração nas leis da família, do trabalho, da participação política, do foro criminal. Desde que houvesse a vontade política, e havia-a, essa era sem dúvida, a tarefa mais fácil: mudar a legislação, adaptar todo o nosso ordenamento jurídico ao princípio da igualdade. Hoje as mulheres cabo-verdianas estão em todas as profissões, contrariamente ao que se passava na era colonial em que várias profissões eram pura e simplesmente interditas às mulheres. Hoje temos mulheres deputadas, ministras, magistradas, diplomatas, funcionárias das finanças e das alfândegas, o que não acontecia antes da independência. E acho que não corro o risco de errar se disser que nas profissões ligadas às actividades da ASA, Empresa de Aviação e Segurança aeroportuária, é que as conquistas são mais sensacionais: Hoje temos mulheres controladoras de tráfego aéreo, temos mulheres bombeiros, e – pasmem-se – temos mulheres pilotos!⁷¹

⁷⁰ Sonia Maria Alves de Queiroz, *Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras*, op.cit., p.46.

⁷¹ Vera Duarte, *Construindo a utopia. Temas e conferências sobre direitos humanos*, Praia: Tipografia Santos Ltda, 2007, p. 118.

4. Representação da posição feminina na literatura cabo-verdiana

Nas obras literárias e nos seus discursos, os autores masculinos e as autoras femininas abordam o género feminino de maneiras diferentes. Os autores mostram as mulheres cabo-verdianas na sociedade de diferentes pontos de vista, de várias formas e com diversas especificações.

4.1 A produção dos escritores masculinos apresenta as mulheres cabo-verdianas

[...] a análise feminista da literatura produzida por homens torna-se, assim, desde seu início, uma crítica da cultura sexual patriarcal (...), uma vez que a mulher é idealizada e que a construção cultural do desejo masculino traz embutida a noção de conquista e dominação do objeto.⁷²

Analisando a representação da mulher cabo-verdiana do ponto de vista de autores masculinos, deveríamos refletir primeiro sobre esta questão na literatura em geral. Ao longo dos tempos, a literatura mostrou-nos que os autores diferenciavam, frequentemente, entre dois tipos de mulheres: as fechadas no lar, cuidando da sua família (irmã, tia, esposa ou mãe), e as mulheres situadas fora deste espaço, por exemplo na rua (prostitutas ou sonhadoras).⁷³

Na literatura cabo-verdiana, o primeiro grupo, centrado principalmente na figura da mãe, é a representação mais frequente da mulher. A mãe é o símbolo das lutas femininas e dos sacrifícios pela família. A menina que decidiu dedicar a sua vida à família, escolheu ser mãe e continuar na linhagem familiar, tem sido geralmente captada como um ser imaculado e a sua virgindade era valorizada como um troféu para o homem que o mereceu. Os autores sublinham as mulheres que lutam com os problemas climáticos, sobretudo a seca, e com a fome, esforçando-se pela sobrevivência da família nas ilhas. Outra representação tem recebido, por outro lado, a menina que frequenta os bailes e as festas, com fim de encontrar o seu marido, que em Cabo Verde pode correr o risco de ficar difamada e de desonrar a família. Estas representações das mulheres cabo-verdianas fazem parte da literatura, principalmente, até a década de 30. Sobre a importância do conceito da honra fala também João Lopes Filho, professor universitário, antropólogo e romancista cabo-verdiano:

Os valores morais e sociais possuem características quase universais – uma vez que dizem respeito a um conjunto de determinados ideais e de princípios. Assim, todos os homens têm, por

⁷² Susana Bornéo Funck, „O jogo das representações“, em: Isabel Brandão & Zahidé L. Muzard, *Refazendo nós: ensaios sobre mulheres e literatura*, Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003, p. 476.

⁷³ Sonia Maria Alves de Queiroz, *Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras*, op. cit., 2010, p. 53.

exemplo, a noção de que o bem deve fazer-se e de que o mal deve evitar-se ... O sentido de honra/desonra (ou vergonha) segundo o qual se sacrificam a causas elevadas por ideais mais sublimes, presente na sociedade cabo-verdiana, é característico das formas de pensar e agir das sociedades ibéricas assim como das sociedades europeias pré-industriais, e é um dos valores ou ideais sociais mais difundidos na sociabilidade das populações deste arquipélago.⁷⁴

No segundo grupo, além das figuras de prostitutas, encontramos também mulheres que são representadas como sonhadoras. Trata-se de pessoas imaturas que vivem num mundo irreal, de ilusões, deixam-se enganar por homens que lhes prometem o seu amor eterno, convertendo-se, afinal, em vítimas. Os homens em geral abandonam este tipo de mulheres, que trocaram vários namorados, por elas não satisfazerem os seus requisitos – não são mulheres para compromissos sérios, mulheres para casar. Essas moças, recusadas pelos rapazes, costumam ser chamadas de “libertinas”.

Na literatura cabo-verdiana, a partir da geração da *Claridade*, a imagem da mulher recebe características específicas. Aparece outro tipo das mulheres – aquelas que buscam uma melhor vida ou na emigração, ou na prostituição, vendo essas duas vias como as únicas possíveis. Desde esta geração, os temas de prostituição e emigração representam um grande problema social. Nas obras de autores masculinos, nessa época, podemos encontrar preocupações sobre o destino dessas jovens mulheres cabo-verdianas, que abandonaram as famílias ou desistiram da sua missão de ser mães. Aparece a figura da prostitua como uma pessoa sem regras morais que ameaça o bem-estar da vida familiar. Este tema encontra-se, por exemplo, na obra de Eugénio Tavares ou Jorge Barbosa.⁷⁵

Na literatura de autores masculinos assim, frequentemente, aparecem as personagens das prostitutas, alcoólatras, ou mulheres perturbadas mentalmente, em oposição à imagem da mulher ideal como esposa e mãe, para destacarem os valores tradicionais patriarcais. Esse tipo de mulher marginalizada era discriminado e exposto como um exemplo didático que estava do lado oposto dos padrões morais da sociedade. Não se vê nenhum interesse pelo interior dessas mulheres, pelos seus desejos, preocupações ou sonhos. No momento em que a mulher se desvia do espaço familiar, já se torna um exemplo da imoralidade e perdição.

Na maioria dos textos literários da década de 30 e 40, podemos observar a submissão das mulheres; elas têm a sua posição fixa na sociedade, e para não serem discriminadas e expostas na margem da sociedade, têm de cumprir o que se espera delas. A literatura de autoria masculina da época, na sua maioria, não oferece uma perspetiva muito inovadora da posição da

⁷⁴ João, Lopes Filho, *Ilha de São Nicolau: Cabo Verde: formação da sociedade e mudança cultural*, Lisboa: Secretaria-Geral-Ministério da Educação, 1996, p. 151.

⁷⁵ Sonia Maria Alves de Queiroz, *Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras*, op. cit., p. 54.

mulher na sociedade, continuando a sublinhar as características ideais da uma mulher cabo-verdiana. Há vários escritores cujas imagens da mulher podem ser analisadas; neste trabalho escolhemos apenas três deles: Baltasar Lopes, Virgílio Pires e Manuel Ferreira.

4.1.1 Baltasar Lopes

Baltasar Lopes (1907 – 1989), nascido na Ilha de São Nicolau, foi uma das personalidades centrais da geração de *Claridade*. Como um dos primeiros autores abriu a temática das prostitutas na sociedade cabo-verdiana, em relação ao tema de saúde e de doenças sexualmente transmissíveis. Várias das suas obras centralizam-se na protagonista feminina. O seu conto “A Caderneta”, inserido no livro *Os trabalhos e os dias*, considera-se um dos textos fundamentais da referida problemática social.⁷⁶

A protagonista do conto é uma lavadeira que morra ao lado de uma casa de prostituição, representando mulheres cabo-verdianas em situação económica muito difícil. O narrador aparece no texto como um defensor destas mulheres. Segundo Arnaldo França, “a prostituição é, no conto ‘A Caderneta’, mais do que a denúncia de um flagelo social, um libelo contra a arbitrariedade do poder.”⁷⁷ Por causa da situação económica dessas mulheres, a prostituição é apresentada como uma forma eventual de sobrevivência. Mostra-se que, devido ao crescimento da prostituição, o governo colonial obrigou as prostitutas a usarem as cadernetas de controle sanitário. As mulheres tiveram de fazer constantemente consultas médicas, e a caderneta era considerada como símbolo da vergonha e discriminação das pessoas possivelmente infetadas pelas doenças sexuais. No conto encontramos as partes em que o autor aponta para a marginalização e injustiças sociais sofridas pelas mulheres cabo-verdianas, como por exemplo na conversa entre o médico e a lavadeira. Conforme, Springer de Freitas, o professor da sociologia,

o ator admite os atributos pejorativos que são a ele imputados, mas nega a responsabilidade por seus atos. Assim, a mulher que se prostitui pode admitir o fato de estar exercendo uma atividade imoral, mas nega sua responsabilidade por tal ato alegando, por exemplo, uma inexistência de fontes alternativas de auto-sustento.⁷⁸

Na sociedade cabo-verdiana, muitas mulheres jovens negociaram a sua virgindade em troca de alimentação e hospedagem. As jovens descobriram que a venda da sua inocência a um

⁷⁶ Idem, ibidem, p. 56.

⁷⁷ Apud, Manuel Veiga, *Cabo Verde: insularidade e literatura*, Paris: Karthala, 1998, p. 122.

⁷⁸ Renan Springer de Freitas, *Bordel, bordéis: negociando identidades*, Petrópolis: Vozes, 1985, p. 18.

homem abastecido podia ajudá-las a sobreviver. Isso é apresentado por Baltasar Lopes como outra possibilidade, antecipando porém, muitas vezes, a decisão de se prostituir. Um exemplo encontramos no romance mais conhecido do autor, *o Chiquinho*. Neste romance do ano 1947, a personagem de Lucinda vende a sua virgindade a um comerciante por cem escudos.

Nhola arranhou-nos conhecimento com Armanda. Armanda reina sobre o seu grupo de mocratas. Recebe o dinheiro e garante-lhes casa e comida. As mocratas vivem felizes naquele albergue em que recolheram a sua infância cheia de fome. Atendem aos fregueses de Armanda e em troca comem duas refeições a dia e tem um colchão de coco-de-milho para se deitarem.⁷⁹

4.1.2 Virgílio Pires

O autor nasceu na Praia, na Ilha de Santiago, em 1935, falecendo em 1985 em Lisboa. Era também um membro importante do grupo reunido ao redor da revista *Claridade*. Os seus contos eram publicados nas colunas da revista, encontrando-se entre eles também textos com o tema da mulher cabo-verdiana. Como exemplo podemos mencionar o conto “Lulucha”, em que o autor apresenta mulher cabo-verdiana com as suas expetativas e desejos que estão em forte choque com a realidade.

No conto “Lulucha”, o leitor pode ver um dia comum da personagem principal, que é mostrada como vítima das condições sociais e humanas, pobreza e discriminação. Além disso, apresenta-se-nos outro tipo da situação muito frequente em Cabo Verde: trata-se das mulheres jovens, quase na idade infantil, que vivem em aldeias pobres no interior das ilhas, e por causa das más condições migram para as cidades, onde a sua moral é degradada pela vida ainda mais dura. No conto podemos ver o choque entre os sonhos das mulheres sobre o seu futuro e a dura realidade. Eles podem ter as melhores intenções, mas o seu destino já está predeterminado. Os sonhos de Lulucha são descritos pelo seguinte:

As lojas eram deslumbrantes. Tinham toda a espécie de brinquedos. Carrinhos de corda, gaita, bolas, tambores, bicicletas, triciclos, balões (...) Lulucha dizia que, quando fosse à Praia, havia de trazer aos meninos muitas coisas.⁸⁰

Os problemas são relacionados, neste caso, com a migração da parte mais pobre da sociedade para as cidades. No interior das ilhas não há condições de vida profissional, social ou cultural. Por esta razão as mulheres migram para as cidades esperando melhor situação económica para elas mesmas e também para as suas famílias. Muitas vezes, ao princípio, lutam

⁷⁹ Baltasar Lopes, *Chiquinho*, São Paulo: Ática, 1947, p. 84.

⁸⁰ Virgílio Avelino Pires, „Lulucha“, em: Dulce Almada Duarte e Jorge Miranda Alfama, *Antologia da ficção cabo-verdiana. Claridosos.*, Vol II, Praia: AEC, 2001, p. 498.

pela concretização dos seus sonhos e desejos, mas a realidade consome-as. Na narrativa podemos encontrar alusões ao destino fatal dessas mulheres, concretamente na personagem de Nhá Simoa, associada ao mau-agouro a bruxaria:

Diziam que era bruxa. Os meninos faziam figas e metiam a mão na algibeira para ela não ver. Acocorava-se a um canto do quintal. E se Lulucha cantava aquela cantiga ‘Nhô S. Pedro cá nhô mata’m Caela / Parmô Cala é badjadêra fox’, ela dizia “Menina, abranda o brio do corpo... Rapariga nova pensa que o mundo lhe pertence ... Lulucha então respondia: ‘figas, Nhá Simoa. A mim feiticeira não come. Tenho sangue amargo, fique sabendo’⁸¹

4.1.3 Manuel Ferreira

Manuel Ferreira (1917 -1994) foi um escritor e teórico literário português, cuja obra, junto com a da sua esposa Orlanda Amarílis, costuma ser inserida na geração reunida ao redor da revista *Certeza*, influenciada pela estética neorrealista. A temática das suas obras é principalmente Cabo Verde e os seus problemas sociais, económicos, climáticos e humanitários.

Um dos contos que entra no universo feminino é “Bêlinha foi ao baile pela primeira vez”, que faz parte da obra *Terra trazida*. O enredo situa-se na Ilha de São Vicente e traz-nos o tema da mulher como o objeto sexual, do desejo do homem. O conto apresenta uma família que vem a sofrer por causa da discriminação da filha, que assistia os bailes de São Vicente. A protagonista torna-se vítima de abuso sexual durante os bailes. Como a menina tem só catorze anos, o autor apresenta aqui o tema da pedofilia em Cabo Verde. A narrativa apresenta também a atitude da mãe da jovem, que tenta proibir a sua filha de sair da casa para evitar possíveis abusos.

A maior diferença entre este conto e os contos acima mencionados é que neste conto podemos encontrar a estrutura familiar característica para uma família cabo-verdiana – a estrutura matrifocal, em que o núcleo da família é formado pela mãe e os filhos. Deidre Meintel, a antropóloga canadense, explica que “a matrifocalidade é uma manifestação da realidade concreta que emerge da impossibilidade de ter o elemento masculino a gerir os destinos da família, embora o seu lugar social seja resguardado, mesmo na ausência física daquele.”⁸² Carlos Ferreira Couto esclarece o problema da matrifocalidade pelo seguinte:

A valorização dada ao homem é patente na importância social do casamento através do qual o valor prático da mulher se afirma. Se a ausência do homem não é pertinente para a definição do

⁸¹ Idem, ibidem, p. 497.

⁸² Sonia Maria Alves de Queiroz, *Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras*, op. cit., p. 66.

papel da mulher em relação ao interior da sua unidade residencial, em relação ao exterior, ela é determinante. Com efeito, a mulher do emigrante, tal como a viúva, não participa em nenhuma festa de baptizado ou casamento. A participação nos grandes momentos da vida social representados por essas festas são incompatíveis com o afastamento do marido.⁸³

A literatura cabo-verdiana, com um excelentíssimo exemplo deste conto, pode servir como uma boa fonte de informação sobre as condições de vida nas ilhas de Cabo Verde. No conto de Manuel Ferreira podemos observar a temática da prematura atividade sexual, prostituição infantil, discriminação social e vitimização da população feminina que vive na margem da sociedade.

4.2 A produção das escritoras femininas representa as mulheres cabo-verdianas

A literatura é uma das principais fontes que nos oferece informações sobre a vida das mulheres na história da sociedade cabo-verdiana. As mulheres tiveram de superar muitas dificuldades e obstáculos impostos pela sociedade patriarcal, lutando por uma posição respeitável na sociedade. Podemos observar que as escritoras mostram a vida das mulheres cabo-verdianas do ponto de vista diferente do que os escritores. Movidas frequentemente pelas ideias feministas, elas trazem a imagem da mulher para a escrita com o objetivo de “feminizar a vida”, falando sobre os seus sentimentos e desejos, tentando combater as formas tradicionais como as mulheres são vistas. Na sua escrita sublinha-se mais a discriminação social das mulheres e descreve-se mais detalhadamente o seu mundo próprio. Como explica a autora de várias obras femininas, Elódia Xavier, “quando uma mulher articula um discurso entre traz a marca de suas experiências.”⁸⁴

Na perspetiva de autores masculinos, prioritariamente, não se observa a tentativa de captar a subjetividade das experiências vividas por mulheres, nem a intenção de compreender a visão delas. A apresentação da autoria feminina, ao contrário, orienta a sua atenção precisamente para aquilo. As escritoras femininas captam os pequenos detalhes da vida cotidiana das mulheres, os sentimentos, desejos e sonhos delas. No passado, as mulheres escritoras em geral frequentemente tinham de escrever sob pseudónimos masculinos para

⁸³ Carlos Ferreira Couto, *Estratégias familiares de subsistência rurais em Santiago de Cabo Verde*, Lisboa: Instituto da Cooperação Portuguesa Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2001, p. 108.

⁸⁴ Elódia Xavier, *Tudo no feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992, p. 13.

poderem produzir a literatura do seu gosto, porque quando começaram a escrever sobre o interior duma mulher, muitas vezes as obras foram destruídas ou escondidas.⁸⁵

A emancipação na área literária era considerada por muitas mulheres como a luta pelos seus direitos. Muitas delas tomaram este objetivo como a sua missão. Algumas delas decidiam disfarçar-se de um homem para poder frequentar as universidades, como mostra o caso da escritora portuguesa, Públia Hortência de Castro, que assim frequentou a Universidade de Lisboa.⁸⁶ Isso ocorreu não só na área das Letras, mas também nas artes plásticas, na música e em outras esferas artísticas.

A literatura cabo-verdiana de autoria feminina desenvolveu-se, maioritariamente, após a Independência. O progresso da nação livre também foi demonstrado pelo renascimento do tema das mulheres na sociedade e na literatura. A questão da sujeição e da difícil emancipação das mulheres cabo-verdianas foi processada literariamente pelas próprias escritoras. Bernardina de Oliveira Salústio é uma das primeiras autoras que trouxeram este tema inovador para a literatura cabo-verdiana.⁸⁷

As autoras falam sobre os sentimentos de medo e angústias que antes não eram revelados. Há uma forte tendência de mostrar a discriminação, violência doméstica, assim como a restrição do género feminino no contexto cotidiano familiar e social. Muitas vezes é retratada a miséria da população cabo-verdiana, causada pelos problemas climáticos ou sociais, sobretudo a miséria das famílias chefiadas por mulheres abandonadas. Mostra-se, também, o problema da falta do planeamento familiar, ou seja, do problema da gravidez inesperada. As autoras tentam lutar pelos direitos humanos do género feminino nas folhas das suas obras. Os seus problemas são apresentados em própria voz das mulheres e na perspetiva delas.

Entre as autoras mais conhecidas e significantes, que fazem um excelente trabalho no que se refere à emancipação literária feminina em Cabo Verde, podemos mencionar, por exemplo, Orlanda Amarílis, Camila Mont-Rond, Dina Salústio, Fátima Bettencourt, Ivone Aída, Maria Margarida Mascarenhas ou Vera Duarte.

4.2.1 Ivone Aída

⁸⁵ Sonia Maria Alves de Queiroz, *Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras*, op. cit., p. 86.

⁸⁶ Idem, *ibidem*, p. 87.

⁸⁷ Jan Klíma, *Květy ostrovní Sahary: Kapverdská literatura*, op. cit., p. 150.

A escritora Ivone Aínda Lopes Rodgírues Fernandes Ramos nasceu em Santa Catarina, na zona rural da Ilha de Santiago em 1926, e faleceu em 2018, nos seus 91 anos. As suas obras eram publicadas nas colunas da revista *Mudjer*, onde trabalhava como colaboradora. Algumas vezes utilizava o pseudónimo Clarissa Roíz. A autora era a irmã de Orlanda Amarílis.

O conto “Promessa” narra sobre a prostituta que se chama Bia. Bia, do ponto de vista feminino, fala sobre o seu destino pré-determinado e o seu temor de viver e ficar toda a sua vida no mesmo lugar cheio de miséria moral e material. Bia morra na periferia de Lombo de Trás, que se situa na ilha de São Vicente. Esta parte da ilha é conhecida pelas condições climáticas não favoráveis e pela presença de casas de prostitutas, visitadas por estrangeiros. Os motivos repetidos no conto são as conversas de mulheres e homens nas portas das casas, os encontros na rua, os sofrimentos, os sonhos e a pobreza da população cabo-verdiana. Uma atenção especial é dedicada à vida de prostitutas e às histórias de migração e de abandono.

No conto descreve-se a realidade da vida das mulheres do ponto de vista feminino. É explicitamente expresso como são tratadas as mulheres, sobretudo na posição de chefia de família. Há muito desemprego, baixo nível de estudo e da instrução para mulheres em casa, faltam recursos e as mulheres tornam-se vítimas de marginalização. Vejamos o seguinte trecho:

Lombo de Trás, morada de boa gente, mas também de meretrizes, com suas casas e quartos de aluguel, perdição, prostituição, mulheres ganhando a vida de que maneira. As casas de andar térreo, paredes esburacadas, as janelas de tábuas carcomidas, davam um ar triste ao ambiente. Ali, acolá, antevia-se a divisória dos quartos em pano barato e desbotado, às riscas, quadrinhos, ou em flores pálidas, sem vida de tanto uso, tudo no sentido de haver menos promiscuidade. A pobreza e a humildade de alguns habitantes desse bairro confrangiam o coração dos mais sensíveis. As ruas de terra batida ofereciam um panorama desagradável devido à lixeira acumulada e aos regatozinhos de água suja escorrendo em fios, exalando um cheiro nauseabundo.⁸⁸

Outros temas abordados no conto são emigração, a violência contra a mulher, o abandono das mulheres por homens. Como exemplo podemos dar o caso de Grigol, que partiu e deixou a sua esposa Djéna sozinha com nove filhos.

4.2.2 Dina Salústio

Bernardina Oliveira Salústio nasceu no ano de 1941 na ilha de Santo Antão, pertencendo às principais escritoras de Cabo Verde. Escreve contos infantis, textos didáticos, ensaios, contos e romances. Colabora nas revistas, trabalhou como assistente social, ou como jornalista não só

⁸⁸ Ivone Aída Fernandes Ramos, “Promessa”, em Tomé Varela da Silva, *Antologia da ficção cabo-verdiana. Pós-claridosos.*, Vol III, Praia: AEC, 2002, p.375-376.

em Cabo Verde, mas também em Angola e Portugal. Colaborou, também, com o Instituto da Condição Feminina na Praia, hoje em dia designado Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG).

Na sua coletânea de contos *Mornas eram as noites*, reúnem-se 35 contos breves que descrevem a vida cotidiana no ambiente feminino, incluindo o espaço doméstico e o público. O fato interessante é que Dina Salústio capta a realidade vivida pelas mulheres através de personagens anônimas, sem nomes concretos. Outros livros com a temática da mulher são por exemplo o romance *A Louca de Serrano* (1998) ou o estudo *Violência contra mulheres* (2001).

No conto “Forçadamente mulher”, inserido na coletânea *Mornas eram as noites*, a autora aborda o tema do planeamento familiar, concretamente a questão da iniciação da vida sexual prematura, da gravidez das adolescentes não preparadas, e da maternidade compulsória:

Em Setembro fará calor. Para Setembro Paula terá seu filho. Ainda há dias ela ria e dançava pelos cantos. E juntava conchinhas cor-de-rosa na praia. E colecionava sonhos. Que é das conchinhas? Que é dos sonhos? Hoje carrega penosamente uma barriga enorme. Sozinha.⁸⁹

No conto, cuja protagonista é Paula, descreve-se a realidade e o estado emocional das meninas adolescentes metidas em situação de gravidez precoce, que sofrem muito por tornar-se mães e ficar solteiras, sem recursos financeiros. Retratam-se as imagens de desilusão das mulheres jovens, levantando-se as seguintes questões: Como podem alimentar e educar um filho, quando elas mesmas são ainda crianças? Como podem estar felizes quando têm de levar a sua dor e o desamor no seu interior? A narradora diz-nos no início: “Aos dezasseis anos não se devia ter filhos. A natureza não soube fazer contas. Aos dezasseis anos não se devia carregar culpas. Nem vergonhas [...] E chora às escondidas. E faz contas à vida e às luas.”⁹⁰

A narradora, que está presente na primeira pessoa, exprime não apenas a situação e os sentimentos de Paula, mas parece representar as mulheres como tal:

Queria que ela e todas elas se juntassem e calassem para sempre os latidos daqueles que perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites. Com o seu ódio. E que os desfizessem com as suas mãos de mães abandonadas. E os afogassem impiedosamente nas lágrimas de todas as crianças traídas. E esfomeadas.⁹¹

4.2.3 Fátima Bettencourt

⁸⁹ Dina Salústio, *Mornas eram as noites*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1994, p. 35.

⁹⁰ Idem, *ibidem*.

⁹¹ Idem, *ibidem*.

Hirondina Fátima Bettencourt Santos nasceu em 1938 na ilha de Santo Antão. Depois dos seus estudos tornou-se professora e trabalhou como jornalista, produtora e locutora. É também dirigente da Associação de Escritores Cabo-verdianos. Produz literatura infantojuvenil, crónicas e contos.

“Zora”, o conto que pertence à coletânea intitulada *Mar – caminho adubado de esperança*, Fátima Bettencourt trata de um tema diferente dos até agora abordados. O conto traz uma reflexão sobre o dilema da globalização, que ameaça os costumes locais, e sobre o seu significado para a mulher cabo-verdiana e a família tradicional. A trama começa com uma reflexão da Gabi, a narradora da história, que descreve a sua visita a Cabo Verde e o funcionamento do sistema familiar tradicional. Com esta tradição relacionam-se as diferenças entre os géneros e os preconceitos relativos a eles. Numa parte a narrativa demonstra o conflito entre um universo pequeno e essencialmente rural, como eram as cidades em Cabo Verde, e o mundo globalizado:

Desajeitadamente os nossos políticos passavam do mato para os fora mundiais. Entre os abrigos lamacentos infestados de mosquitos e os hotéis cinco estrelas havia um abismo que os nossos bravos guerrilheiros transpuseram de um salto, considerando de somenos importância pequenos incidentes como ficar entalado numa porta giratória ou num elevador sofisticado, apanhar um jacto de água quente no duche e todas essas armadilhas diabólicas do primeiro mundo.⁹²

Ao contrário dos contos anteriores, encontramos no conto uma personagem que atingiu um posto alto na sociedade. Zora estuda Direito, desenvolve as suas qualidades intelectuais, torna-se Ministra da Juventude e Questão Feminina. Apesar de Zora ocupar um nível social alto e mais moderno, alguns traços tradicionais permanecem no seu comportamento, como por exemplo: “comem com as mãos, sentem-se no chão, exibiam „indumentárias exóticas e adornos capilares extravagantes “a reivindicar origens negras.”⁹³, falando sobre os costumes de Zora e Gabi. A autora neste conto explicitamente aponta para os problemas da sociedade pós-colonial:

Era o estilo crioulo da época, melhorando rapidamente com a aquisição de algumas malas Samsonite. Os povos que nos ensinaram as técnicas da guerrilha, não nos ensinaram o que fazer depois. [...] Teríamos que aprender sozinhos [...] sobretudo como governar um país minúsculo e pobre, perdido no meio do Atlântico.⁹⁴

⁹² Fátima Bettencourt, *Mar – caminho adubado de esperança (contos)*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 2006, p. 138.

⁹³ Sonia Maria Alves de Queiroz, *Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras*, op. cit., p. 119.

⁹⁴ Fátima Bettencourt, *Mar – caminho adubado de esperança (contos)*, op. cit., p. 139.

4.2.4 Vera Duarte

Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lovo de Pina nasceu em Mindelo no ano de 1952. Formou-se na Universidade de Lisboa em Direito e depois trabalhou em Cabo Verde em Justiça. Considera-se uma das autoras cabo-verdianas mais importantes e conhecidas mundialmente. Escreve poesia, assim como prosa. Vera Duarte recebeu vários prémios e homenagens pela sua obra literária e social, tendo conseguido promover, nas suas funções e cargos, a literatura cabo-verdiana. Na sua obra, o tema das mulheres moveu para o espaço contemporâneo cosmopolita dos direitos humanos, sem esquecer as suas raízes e as tradições específicas da sua nação.

Em 2003, a autora publicou o romance *A Candidata*, em que aborda a temática feminina. Nele, a personagem principal, Marina, vive o período da maturação da sua nação no século XX, concretamente durante a guerra colonial e a luta pela Independência. Embora o romance seja também uma história de um amor romântico com Pedro que parte para lutar na selva guineense. O amor não é o motivo principal. A própria autora revelou que a imagem literária tradicional de uma mulher devotada a um homem e ao amor aborrece-a.⁹⁵ No romance, portanto, a autora desloca a mulher da família para a sociedade, libertando-a da dependência dos homens e das convenções. As mulheres, durante o regime colonial, viviam empurradas na margem da sociedade, cujo símbolo é a polícia política da PIDE, mencionada várias vezes no texto. Porém, no estado livre, a mulher de repente pode-se engajar na alta política, até mesmo concorrer à presidência. O livro *A Candidata*, de Vera Duarte, recebeu no mesmo ano da publicação, em 2003, o prémio literário angolano promovido pela petrolífera Sonangol.

⁹⁵ Jan Klíma, *Květy ostrovní Sahary: Kapverdská literatura*, op. cit., p. 148.

5. A vida e a obra de Oswaldo Osório

Oswaldo Osório, com o seu nome próprio Oswaldo Alcântara Medina Custódio, é uma figura importante na cultura e literatura de Cabo Verde. É poeta, contista, dramaturgo e ensaísta cabo-verdiano.

Nasceu em 25 de Novembro de 1937 em Mindelo. Lá frequentou o Liceu Gil Eanes, que é agora conhecido como Liceu Velho, e o Seminário Nazareno. Exerceu várias profissões. Começou por ser empregado de comércio, foi funcionário público, trabalhou para o rádio *Barlavento*, foi o presidente da União dos Sindicatos. Ainda como estudante começou a dedicar-se também à política e à escrita. Trabalhou como o diretor do *Suplemento de poesia dos anos 80*, do jornal *Voz di povo*.⁹⁶ Além disso, foi um dos fundadores da folha literária *Seló – página dos novíssimos*, publicada em Maio de 1962 no periódico de *Notícias de Cabo Verde* (Mindelo, Março 1931 – Agosto 1962), na qual iniciou a sua atividade como poeta e ficcionista. Trabalhou também como diretor, editor e presidente interino do Instituto cabo-verdiano do Livro. Em consequência das suas atividades políticas, estreitamente ligadas às ações culturais durante o regime de Salazar, Oswaldo Osório foi duas vezes preso. Atualmente morra em Praia, na Ilha de Santiago.

No que se refere à sua carreira literária, desde a sua primeira obra o autor usa o pseudónimo literário Oswaldo Osório. Os seus textos têm sido publicados de forma dispersa na imprensa nacional e a maioria dos seus livros foi publicada pela editora Spleen Edições, situada em Praia. A sua primeira obra, publicada no ano de 1975, foi um livro de poesia intitulado *Caboverdeanamente construção meu amor*. Dois anos depois, em 1977, saiu outro livro de poesia, *Cântico do habitante, precedido de duas gestas*. Trata-se de dois livros de poemas, que lhe trouxeram renome no campo literário. Entre outros livros de poemas podemos mencionar *Clar(a)idade assombrada* (1987) ou *Os loucos poemas de amor e outras estações inacabadas* (1997).

O primeiro livro de prosa do autor saiu em 1977, intitulado *Cantigas de trabalho – tradições orais de Cabo Verde*. Foi uma obra de estudos das tradições culturais de Cabo Verde, que queria valorizar as manifestações culturais no período pós-independência.⁹⁷ Foi, também, o primeiro livro onde apareciam trechos escritos na língua cabo-verdiana, que já utilizava o

⁹⁶ António Miranda, “Oswaldo Osório”, Agosto de 2008, disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/cabo_verde/oswaldo_osorio.html (acesso em 16.08.2022)

⁹⁷ Gláucia Nogueira, “Cantigas de trabalho”, 8 de Abril de 2020, disponível em <https://www.caboverdeamusica.online/cantos-de-trabalho/> (acesso em 07.05.2023)

alfabeto institucionalizado. No que se refere ao tema do livro, o próprio autor disse: “Se fosse mais aprofundado, haveria mais coisas a revelar, como por exemplo o canto das mondadeiras, das lavadeiras, coisas que possivelmente hoje já não existem.”⁹⁸ Depois o autor publicou em 1985, o ensaio *Emergência da poesia em Amílcar Cabral* e, em 2003, o romance *Nimores e Clara & Amores de rua*. Este romance é dividido em duas partes. A primeira, *Estórias de amores de rua*, traz para o leitor histórias sobre vivências e relações amorosas, e a segunda, *Nimores e Clara*, é um curto romance que oferece uma história sobre o futuro das ilhas cheia da modernização, industrialização e do progresso científico, com as histórias amorosas mostradas no fundo. Claramente, o que aproxima e relaciona as duas partes é o tema do amor.

Em 2004 ocorreu um acontecimento trágico que teve um impacto significativo na vida e obra do autor. Por causa de uma doença hereditária ele perdeu a visão. O autor teve de adaptar a esta realidade toda a sua existência, incluindo também a possibilidade de escrever. Esta nova condição, porém, não foi nenhum obstáculo na sua decisão de continuar a escrever. Assim, apesar da sua indisponibilidade física, ele continua a produzir.⁹⁹ Ajuda-o muito a sua mulher, que escreve as palavras que ele dita. Desta maneira nasceu também o livro de poesia *A sexagésima sétima curvatura*, publicado no ano de 2013, quando o autor teve já 70 anos. Ainda nesse tempo ele colaborava com vários periódicos, por exemplo *Sêlo*, *Vértice*, *Notícias de Cabo Verde* ou *Raízes*.

O seu romance mais recente, com traços autobiográficos, em que ele percorre as lutas políticas, literárias e humanas da sua geração, foi publicado em 2016, intitulando-se *As ilhas do meio do mundo*.¹⁰⁰ Nesta obra ele captou a vida da sua geração e a luta pela liberdade da sua pátria. Pela qualidade desta saga pequena, podemos considerar este romance como a narrativa prima do autor.

Em 2019, Oswaldo Osório publicou o seu sétimo livro de poesia, intitulado *Teresias*. Os poemas trazem para o leitor os temas principais como as situações cotidianas e os problemas essenciais, que afetam já todo o mundo. A intenção deste livro é “alertar as pessoas sobre a situação atual do mundo que, no seu entender, está cheio de sobressaltos, destacando problemas

⁹⁸ Idem, ibidem.

⁹⁹ Cf. Milene Matos Silva, “Oswaldo Osório”, *contista do Mindelo*, 2004, disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/oswaldo-osorio/> (acesso em 28.08.2022)

¹⁰⁰ “Esquina do tempo: ‘Oswaldo Osório, Caboverdiamadamente construtor da palavra’”, *Expresso das ilhas*, 25 de Julho de 2016, disponível em: <https://expressodasilhas.cv/cultura/2016/07/25/esquina-do-tempo-oswaldo-osorio-caboverdiamadamente-construtor-da-palavra/49526/> (acesso em 07.05.2023)

a nível das alterações climáticas, terrorismo, falta de amor e de humanismo.”¹⁰¹ O livro tem duas partes, onde na primeira se fala sobre as situações críticas, causadas pelo homem, em consequência da destruição das florestas e do esgotamento de recursos naturais. Na segunda parte, o autor reflete sobre o esquecimento de Deus, apresentando Deus como o ser superior capaz de encontrar e corrigir o mal. A pesquisadora Fátima Fernandes comenta este livro com as palavras seguintes:

Eu vejo o “Teresias” como uma espécie de “auto-retrato” que, através dessa figura clássica, procura dar-nos um pouco a refletir sobre o que tem sido as últimas décadas e fecha com uma leitura interessante do Apocalipse como se a conferencialidade bíblica nos pudesse acompanhar mais de perto.¹⁰²

Segundo a crítica, Oswaldo Osório é uma das figuras mais destacadas na literatura cabo-verdiana:

[...] é um dos pilares construtores da escola da modernidade poética cabo-verdiana, uma vez que ele faz parte de uma geração que veio dar um passo em frente na construção da identidade literária cabo-verdiana, iniciada por autores como Corsino Fortes, Mário Fonseca, entre outros.¹⁰³

Além das publicações de poesia e prosa mencionadas, a obra de Oswaldo Osório encontra-se também em antologias das literaturas africanas de língua portuguesa,¹⁰⁴ e aparece comentada em muitos estudos literários.

¹⁰¹ “Oswaldo Osório apresenta o sétimo livro de poemas intitulado “Tiresias””, Infopress, 30 de Novembro de 2019, disponível em: <https://inforpress.cv/oswaldo-osorio-apresenta-o-setimo-livro-de-poemas-intitulado-tiresias/> (acesso em 04.07.2022)

¹⁰² Idem, ibidem.

¹⁰³ Idem ibidem.

¹⁰⁴ António Miranda, *Oswaldo Osório*, op. cit.

6. *Nimores e Clara & Amores de rua*

“Para ti desconhecida, que serás sempre.”¹⁰⁵

O livro intitulado *Nimores e Clara & Amores de rua* foi publicado no ano de 2003 na cidade de Praia, pela casa editorial Spleen Edições. O livro reúne dois projetos literários do autor, escritos pelo próprio autor, ainda antes da perda da visão. O projeto de maior extensão foi *Nimores e Clara* que, segundo o autor, “pretendia ser uma estória de antecipação do futuro das ilhas, de permeio com amores desenfreados.”¹⁰⁶ Os capítulos desta parte, que podemos considerar um curto romance, eram publicadas semanalmente em folhetins no jornal cabo-verdiano *Voz di povo*. O segundo projeto, *Amores de rua*, que abrange a parte mais curta da coletânea, contém seis narrativas independentes, que falam, principalmente, sobre relações amorosas. Assim, o que aproxima e relaciona as duas partes é o tema do amor.

6.1 *Nimores e Clara*

Nimores e Clara, além de uma história amorosa, fala sobre os câmbios que ocorrem nas ilhas de Cabo Verde devido a tecnologia e ciência avançada, sublinhando a industrialização dos lugares naturais e o projeto científico de Clara. Segundo o autor, a história “ficou a meio do caminho do sonho e do ideal.”¹⁰⁷ *Nimores e Clara* tem uma estrutura complexa: contém trinta capítulos, com o capítulo introdutório independente e os outros divididos em quatro partes, em que se alternam as perspetivas feminina e masculina. O ponto de vista feminino é apresentado pela narradora Clara, protagonista feminina, em nove capítulos. A perspetiva masculina é apresentada pelo narrador Nimores, protagonista masculino, em vinte capítulos. Os narradores na história são assim narradores-personagens e a narração desenvolve-se na primeira pessoa. Além dos dois protagonistas, encontramos também algumas personagens secundárias, nomeadamente Dejanira, Herculano, Jean de Veiga, padrinho e Nha Ascença. No romance situámo-nos na Ilha de Santiago em Cabo Verde, principalmente em Praia, frequentemente é mencionado também o lago Dono D’Água e outros espaços, como os Estados Unidos da América. Na narrativa aparecem motivos recorrentes, por exemplo, o sonho sobre o dia de

¹⁰⁵ Oswaldo Osório, *Nimores e Clara & Amores de rua*, Cidade da Praia: Spleen Edições, 2003, p. 7.

¹⁰⁶ Idem, *ibidem*, p. 11.

¹⁰⁷ Idem, *ibidem*.

casamento dos protagonistas, ou a menção do experimento de Clara, criando uma impressão cíclica.

“Á entrada de Temala ou tanta luz, Clara” é o título do primeiro capítulo, que nos leva ao meio da história narrada. O narrador é Nimores e fala em primeira pessoa. O primeiro capítulo apresenta Clara, uma menina especial e muito inteligente. Clara estuda física em MIT no Massachussets na América, fazendo o doutoramento na área da teoria dos campos unificados, e vem sempre passar férias em Cabo Verde. Clara é apresentada como noiva de Nimores e o mais interessante nos seus estudos é como ela relaciona física com a filosofia. O seu experimento, de nome Temala, foi por ela definido como “indeterminação de movimentos atômicos de infinitamente pequeno e indeterminação molecular da ideia que, no entanto, se racionaliza.”¹⁰⁸ Nesse projeto ela queria unir o corpo físico com o espírito em um elemento, o que, ao fim, conseguiu fazer. Clara desapareceu na sua forma física: “...Clara deixou-se consumir...”, “Clara é hoje unidade corpúscula/onda dessa luz.”¹⁰⁹ Vemos uma descrição do processo do experimento, mas, no início, não sabemos o que lhe precedeu, nem para onde nos leva. Não sabemos o que está acontecendo, porque a narração começa no meio do enredo.

Depois do capítulo introdutório, o livro continua com a primeira parte, intitulada “No feminino.” A narradora-personagem, Clara, começa a contar a história desde a sua infância. Esta parte é composta de seis capítulos. Começando, Clara fala sobre o lago Dono D'Água, um lugar cheio de lembranças da sua infância. Apresenta-nos outras personagens, nomeadamente Nimores, o seu Padrinho, Nha Ascença, a empregada que cuidava de Nimores, Dejanira, a prima de Nimores, e Herculano, o marido de Dejanira. Durante a sua narração averiguamos que enquanto ela estudava na América, e que Nimores foi expulso da universidade nos Estados Unidos, voltando para casa. Durante o piquenique com Nimores e Dejanira, Clara percebe o carinho que têm um pelo outro, que começa a incomodá-la e causa-lhe sofrimento. Depois das férias em Santiago, ela tem de voltar para a América. Em passagens reflexivas Clara descreve como as ilhas estão a mudar e como a modernização transforma a Ilha de Santiago. A primeira parte termina com um sonho, durante o voo de volta de Clara para a América, em que sonha com o seu casamento com Nimores.

A narração continua com a segunda parte, narrada “No masculino”, em que o narrador-personagem é Nimores, e a sua história começa a partir do momento em que ele teve de retornar à Ilha de Santiago, porque foi expulso da universidade após dois anos de estudos na América. A história, conduzida do seu ponto de vista, apresenta ele tentando escolher entre Clara, a sua

¹⁰⁸ Idem, *ibidem*, p. 16.

¹⁰⁹ Idem, *ibidem*, p. 15.

namorada, e Dejanira, que o seduz, apesar ser casada com Herculano. Na narração de Nimores, ao contrário da narração de Clara, não vemos nenhuma expressão de sentimentos em relação a Clara. Pelo contrário, sentimos que os seus sentimentos se dirigem mais para a sensual Dejanira. Nimores, definitivamente, no início apresenta-se como um homem controlado pela paixão por Dejanira. Nesta parte, encontramos novamente descrições do local onde viviam, e desta vez Nimores descreve o "Projeto Dono D'Água", onde antigamente as crianças tomavam banho, mas agora é um local de modernização e máquinas. Apresenta-nos o amigo Jean de Veiga, descendente de cabo-verdianos, que emigrou para França e ajudou Nimores a conseguir uma bolsa de estudos. Pela primeira vez entram Herculano e Nimores em conflito, por causa de Dejanira. O conflito culmina numa escaramuça num bar, onde Herculano ataca Nimores com um arpão. Após o fim do conflito, Nimores recebe a informação que foi aceite para estudar numa universidade na França. Ao longo desta parte, Jean atua como uma espécie de exemplo e conselheiro para Nimores. O autor usa em vários lugares desta segunda parte frases complexas com terminologia especial, há nela descrições longas – muitas vezes um capítulo inteiro é dedicado à descrição de um fenómeno, por exemplo, uma tempestade.

Na terceira parte, voltamos à narração de Clara, outra vez no “No feminino”. Esta parte contém apenas três capítulos, dos quais os dois primeiros são puramente descritivos e não têm muito enredo. No primeiro capítulo Clara expressa os seus pensamentos que lhe acompanharam durante a sua viagem de avião, quando ela volta para casa. Ela compartilha connosco a sua visão do avião, reflete sobre a capital e pensa sobre o que Nimores achará do seu projeto. Quando chega o momento da aterragem, ficamos sabendo que ninguém da sua família sabe que ela estava a voltar. No segundo capítulo, ela descreve o espaço do aeroporto, a casa vazia e o silêncio que lá encontrou. Os primeiros a cumprimentá-la são Nha Ascença, Dejanira e Nimores, que lhe explicam, que o seu Padrinho está a dormir, porque há uns dias, que o seu Padrinho caiu e o médico recomendou-lhe descansar. No terceiro capítulo, intitulado, “O segredo da mala”, Nimores, pela primeira vez, expressa algum sentimento em relação a Clara.

A quarta parte, “No masculino”, é a mais longa, contém treze histórias do narrador-personagem Nimores, e os acontecimentos mais importantes ocorrem aqui. Chegamos, definitivamente, ao momento, quando Nimores amadurece de um menino para um homem, expressa os seus sentimentos por Clara e começa a se interessar por ela. Se na primeira parte, narrada por Clara, ela sonhou com o casamento com Nimores, no último capítulo Nimores exprime as suas ideias sobre o dia do casamento com Clara, enquanto Clara está inconsciente, após ter conseguido atingir o seu objetivo científico e tornar-se, em um experimento, fisicamente transparente. Aqui voltamos ao capítulo introdutório. Para ser curada, ela está

levada para um hospital privado na América. Nimores, Dejanira, Jean de Viera e Herculano viajam com ela.

Apesar de uma grande parte do romance ser descritiva e muitos capítulos narrarem o enredo num ritmo bem lento, a história nos traz temas importantes em relação à realidade nas ilhas e também no que se refere à questão do género feminino. Um dos temas principais é a emancipação da mulher – apresentam uma personagem feminina que alcançou conhecimento especial e conseguiu o que ninguém antes dela tinha conseguido. O experimento de Clara associa-se ao futuro de Cabo Verde, exprimindo esperança na sua modernização, industrialização e progresso em várias áreas, incluindo o âmbito científico. O tema da emigração é retratado no romance de forma diferente do habitual. Clara, assim como outros jovens, incluindo Nimores, parte para estudar no estrangeiro e para ter melhores oportunidades de crescimento intelectual, mas volta com novos conhecimentos, querendo contribuir para o progresso do seu país. E por último, mas não menos importante, temos de sublinhar o tema do amor e dos relacionamentos amorosos, que são na narrativa apresentados como uma parte essencial da vida do ser humano.

6.2 *Amores da rua*

A parte do livro intitulada *Amores de rua* contém seis contos independentes. Trata-se de contos curtos que na sua maioria abordam o tema da relação amorosa entre o homem e a mulher. Além disso, as histórias mostram-nos a mentalidade e o estilo de vida dos cabo-verdianos, a sua capacidade de aproveitar a vida apesar das suas dificuldades, o seu temperamento e costumes. Os contos foram publicados juntos na revista *Raízes* nos anos setenta e, depois, em 2003 saíram em um volume, junto com a narrativa *Nimores e Clara*. O autor sobre o conjunto disse que “a entrega à magia delas foi preterindo, indefinidamente, o desejo de as (d)escrever e o sonho da escrita.”¹¹⁰

Três contos são narrados em primeira pessoa pelo narrador masculino, enquanto outros três são narrados pelo narrador onisciente, em terceira pessoa. A linguagem varia em cada conto; encontramos trechos de longas descrições poéticas, e há partes que com uma linguagem direta e económica apresentam o enredo, aproveitando-se, em alguns contos, do discurso direto no crioulo cabo-verdiano. Todos os contos parecem situar-se na ilha de São Vicente, sobretudo em Mindelo, mas também em Salamansa e outros lugares não especificados.

¹¹⁰ Idem, ibidem, p. 11.

O primeiro conto, intitulado "Cantárida", fala sobre dois amantes que experimentam a união dos seus corpos e descobrem a beleza da percepção compartilhada. O narrador em terceira pessoa olha para a situação à distância, mas apresenta-a de uma forma carregada de emoção e poesia. Ele sublinha os sentimentos, a percepção sensorial e liga o homem com a natureza. O conto quase não tem enredo, é mais uma descrição do ambiente, das sensações e dos pensamentos interiores dos amantes. Capta-se a atmosfera de um relacionamento amoroso e romântico, por meio da descrição sensorial – aparecem motivos visuais, olfativos, táteis, sonoros. O tema principal do primeiro conto é assim puramente o amor sensual e físico. A narrativa é dividida em duas partes curtas, onde na primeira fala-se sobre os detalhes da união dos amantes, mencionando a lenda de cantárida¹¹¹, enquanto a segunda parte descreve a viagem dos amantes no comboio do Sul, sem especificar, concretamente, de onde e para onde eles vão. Além das duas personagens principais, não se apresentam personagens secundárias.

O segundo conto, "Borboleta evadida", ao contrário do conto "Cantárida", tem um enredo mais concreto e o narrador-protagonista fala em primeira pessoa. Ele apresenta-nos o seu relacionamento com a mulher chamada Guida. Guida é uma mulher com quem o protagonista mantém uma relação não muito bem caracterizada, costumando visitá-la às noites no seu quarto. Não está explicitamente dito se Guida vive de oferecer serviços sexuais a homens, mas sabemos que o narrador não é o único namorado dela. Guida sonha com a ideia de ir morar na França, onde vive o seu irmão mais velho, pede ao narrador inclusive dinheiro para a viagem a Lisboa. Ele espera que ela afinal não parta das ilhas e não dá importância a essa viagem, achando que é para um irmão de Guida. No dia em que lhe traz o dinheiro, Guida não está e ele a vê depois com outro homem, de nome Tutchinho. Sem a ver durante meses, mais tarde ele sabe que ela partiu para a sua ilha de origem, porque as autoridades queriam deportar de São Vicente pessoas cuja conduta ofendia a moral pública. Guida, porém, consegue regressar a Mindelo e parte para Lisboa, o protagonista nem consegue despedir-se dela. Os temas principais do conto são a emigração, assim como a emancipação feminina, associada, porém, também à problemática social da mulher: mostra a personagem feminina que se aproveita dos homens para sair das condições difíceis da vida.

O terceiro conto, intitulado "Um homem só", é o conto mais curto da toda a coletânea. O narrador está na primeira pessoa e é do sexo masculino. Ele descreve uma das suas visitas, depois de sair à tarde do escritório, à sua amante, que se chama Vi. Sobre a mulher não sabemos nada mais além de ser alta e bonita e de ter um filho, que se chama Ró. Ele nunca a deixa saber

¹¹¹ Cantárida é um inseto venenoso que contém o veneno cantaridina. Este veneno utiliza-se para produção de vários tipos de drogas. O uso mais conhecido é como afrodisíaco.

quando vem, de maneira que ela se queixa que nunca tem tempo para arrumar-se. Apesar de só passarem tempo juntos à noite, o protagonista descreve esse lugar, a casa da mulher, como um lugar importante para ele, porque se sente lá confortável. O fim da narração apresenta a madrugada, quando ele sai da casa e, enquanto os outros na rua partem para o Sul da Ribeira, ele continua para o Norte, onde há terra árida e onde há anos não chove. Este conto da sua forma poética capta a solidão na vida, apontando para a dura realidade de vida nas Ilhas.

O quarto conto, “S. Silvestre”, narrado em terceira pessoa e ambientado de novo em Mindelo, diferencia-se pelo número de personagens no conto. Neste conto apresentam-se cinco personagens: o Nhô Marcelinho, as suas filhas Leonora e Cecília, a sua mulher que é a única personagem sem nome, e a sua amante Paula. O conto descreve a noite de São Silvestre, quando Nhô Marcelinho deixa a sua família em casa, um pouco antes da meia-noite, e vai buscar a sua amante Paula. Quando ele a encontra na rua, ela está abraçada com outro homem. A história termina com os gritos de dor, quando Nhô Marcelino espanca a sua amante, enquanto a sua família começa a comer cuscuz sozinha. Os temas abordados no conto são o machismo, a infidelidade e violência do homem contra a mulher.

O quinto conto, intitulado “O doido de Salamansa”, narrado em terceira pessoa e ambientado em Salamansa, é o único conto em que aparece a língua crioula. A história narra sobre um menino chamado Pitra que é débil mentalmente e vive na periferia da cidade de Salamansa, sem nunca ter ido à cidade, onde vive a sua família. É conhecido por colecionar as conchas mais belas de todos. Pitra tem uma irmã, Conuxe, que vende peixe no mercado no centro da cidade. Um dia ela persuade Pitra a ir para a cidade, para conhecer o Nhô Nêê, um velho colecionador de conchas, a quem ela entregava conchas coletadas por Pitra. À supresa de todos, incluindo Nhá Almerinda, mãe de Pitra, o menino afinal vem à cidade na ocasião da festa de Santa Cruz. Nhá Almerinda apresenta a chefia da casa; a sua posição é simbolizada por ela aparecer com um cachimbo na boca. No conto, ninguém parece preocupar-se com o destino de Pitra, nem mesmo a sua mãe e a irmã, que o obriga a colecionar as conchas; as crianças na rua riem dele. À noite, somos testemunhas à conversa entre a irmã de Pitra e Nhô Nêê, que quer construir o seu caixão com as conchas mais bonitas, para que brilhem lindamente no dia do seu funeral. Antes, ele costumava coletar conchas sozinho, mas agora já está velho. Ele sabe que Pitra costuma coletar as conchas mais bonitas e que quer as conchas sejam dele, apesar de ser muito perigoso para Pitra, porque as procura em lugares onde pode morrer. No fim, a narrativa menciona as dunas, as ondas e os rochedos do local perigoso em que Pitra coletava as conchas. A narrativa termina com a silhueta de Pitra, que parte à noite da casa de Nhá Almerinda. Neste

conto aborda-se o tema não apenas social, da luta pela sobrevivência, mas também o da moral, destacando-se o egoísmo e a falta da empatia das pessoas ao redor do protagonista.

No último, o sexto conto, intitulado “Rebintida”, situamo-nos na época do Carnaval, ambientado em Mindelo, com o narrador-protagonista em primeira pessoa. O protagonista, homem casado, está na conversa com o seu amigo Dante e lembra-se de uma noite do Carnaval em que conheceu a sua amante. Menciona também que mais tarde ele combinou com ela um encontro num baile, mas como ele não compareceu, a menina dormiu com outro homem, por vingança. Por isso ele chama-a de Vendetta. O seu amigo Dante reconhece-a como prostituta e critica a sua conduta. Depois de o protagonista e Dante discutirem sobre o comportamento dela, o protagonista chega ao ponto onde explica a razão da sua infidelidade. Ele se justifica, comicamente, dizendo que tentou respeitar a ausência da sua esposa, de nome Magia, e tentou abster-se dos prazeres do corpo, mas não conseguiu. Vendetta mais tarde emigrou, ele nem veio despedir-se dela no cais, sentindo-se agora com remorsos. Vendetta depois mandou uma carta para a sua amiga Fátima, em que lhe mandou lembranças. O tema principal deste conto parece ser a atitude de *Carpe Diem*, que vemos na mentalidade dos cabo-verdianos, relacionada também com diferentes normas vigentes na sociedade, em relação ao comportamento sexual de homens e mulheres.

7. A análise do elemento feminino na obra *Nimores e Clara & Amores de rua*

Ao longo do livro, o autor apresenta-nos, em diversas situações, uma grande variedade de personagens femininas, o seu estatuto social, a sua perceção do mundo e os problemas que enfrentam na sociedade cabo-verdiana. Na história da primeira parte, *Nimores e Clara*, apresentam-se três personagens femininas, nomeadamente Clara, Dejanira e Nha Ascença. Cada uma delas representa um tipo, uma personalidade feminina com função diferente na narrativa, seja na vida de Nimores, seja em relação ao futuro das ilhas, seja por causa do seu próprio destino. Nos contos da secção *Amores de rua*, vemos diferentes situações em que aparecem personagens femininas. Embora se trate de narrativas que giram ao redor do relacionamento amoroso, a maioria das histórias mostram bem a difícil situação das mulheres na sociedade patriarcal, na qual elas têm de enfrentar o machismo, a violência masculina e, sobretudo, a dependência económica nos homens, forçando-as, frequentemente, a aproveitar-se da sua sexualidade para ganhar a vida.

7.1 A posição da mulher cabo-verdiana na sociedade

Concentrando-se nas diferentes imagens da mulher cabo-verdiana no livro analisado, começemos por Clara, de *Nimores e Clara*, personagem feminina de maior destaque, não apenas pelo espaço que lhe é dedicado no romance, mas também em termos da posição na sociedade. Clara é o protótipo de uma mulher de sucesso na sua profissão e na forma como a sociedade a percebe. É uma mulher jovem que está a fazer o doutoramento nos Estados Unidos – fato não muito típico para uma mulher cabo-verdiana, destacado logo no início da história: “Foi a pioneira dos estudantes cabo-verdianos e a glória do seu país ao ser admitida no exigentíssimo MIT.”¹¹² Desde o início, o autor retrata Clara como uma estrela na sociedade, destacando nela o potencial da mulher cabo-verdiana. Clara representa a sua determinação e ambição pelo seu trabalho científico. A sua prioridade é o progresso na ciência. O seu pensamento vai muito além da ideia de que uma mulher seja inferior a um homem. Apesar dos seus sentimentos profundos pelo seu namorado, ela é capaz de reivindicar o seu lugar e não tem medo de o desafiar: “Não é a tua área, já te disse que não compreendes nada. E não voltes a intrometer-te. Cuida dos teus peixinhos de aquário.”¹¹³ Ela não tem medo de mostrar a sua força

¹¹² Oswaldo Osório, *Nimores e Clara & Amores de Rua*, op. cit., p. 16.

¹¹³ Idem, ibidem, p. 76.

e capacidades, não sente respeito pela autoridade masculina tal como a maioria das mulheres. A sua ambição é descrita por ela mesma, quando afirma o que deseja alcançar. Clara diz:

Não pretendo unicamente uma escapadela espiritual, ou espiritualizada, às esferas superiores. Isso fica para os yougues e outros místicos como tu e o teu mentor. Quero agarrar o espírito na sua “imaterial” materialidade, se compreendes o que pretendo significar com isso, para o fazer devassar a inesgotável matéria donde proveito.¹¹⁴

O simbolismo da luz, associado ao nome Clara, também contribui para esse fato – a história começa com o capítulo “À entrada de Temala ou tanta luz, Clara”, que descreve o seu grande experimento de física, em que ela se perde na imensidão da luz. Além do sucesso profissional, Clara simboliza a luz e a esperança nas vidas das pessoas ao seu redor. Ela foi uma luz para Nimores, que no início se comportou de forma irresponsável e insensível, tal como previu o Padrinho quando Clara ainda era uma menina: “Clara, tu vais ser a noiva de Nimores, vais ajudá-lo a esconjurar os dez mil demónios que tem atrás de si, afora os fantasmas que lhe vão adiante.”¹¹⁵ Não era uma pessoa especial só para Nimores, mas também para o Padrinho e toda a família, como mostram as suas palavras:

Com a minha chegada, Padrinho recuperou ânimo e dispôs-se a dar uma grande festa. Esta seria num sábado e no domingo faríamos um picnic na propriedade de regadio, que contorna Casa Grande, à sombra das mangueiras, bananas e coqueiros.¹¹⁶

Seja visto pelo lado profissional ou privado, Clara tem uma posição muito elevada na sua comunidade, que foge à posição clássica da mulher cabo-verdiana. Porém, em outras narrativas do livro encontramos personagens femininas bem diferentes de Clara. Ao contrário, na história aparece a personagem Dejanira, que é sensual e sedutora, mas não demonstra nenhuma ambição, desejo de conseguir algo na área profissional, nem superioridade significativa em relação ao sexo masculino. Apesar de no início da história ela aparecer como uma personalidade feminina mais proeminente, com o tempo vemos exatamente o contrário. Durante a história ocorre um escândalo no bar Lucialima’s Love, onde Dejanira, Nimores e Herculano se encontram. Nimores está sentado onde costumavam sentar com Dejanira, quando, de repente, Dejanira entra no bar com Herculano, o seu marido. Dejanira e Nimores se cumprimentam e Herculano fica com tanta raiva que sai do bar e volta com um arpão para atirar em Nimores. Quando Dejanira pergunta por que ele faz isso, Herculano responde: “Quando te

¹¹⁴ Idem, *ibidem*.

¹¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 22.

¹¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 29.

pescar ficarás a saber porquê, sarda!” E abandonou o Lucialima’s Love, deixando Dejanira devastada com o empurrão que lhe deu quando pretendia segui-lo.”¹¹⁷ O trecho mostra o comportamento superior e violento do homem. Dejanira, ao menos, tenta mostrar alguma autoridade, mas falha e segue o homem em um estado humilhado. Ao contrário de Clara, Dejanira não se permite contradizer ao seu homem.

Outra personagem de contraste com Clara é Vendetta do conto "Rebindita". Vendetta é descrita como uma menina leviana, que se aproveita dos homens e que dorme com outro homem por vingança, porque o seu amado deixou-a esperar. Com a base no seu comportamento, ela é condenada explicitamente pelo amigo do protagonista, Dante. Assim, como o nome da personagem de Clara pode significar luz e esperança, o próprio nome Vendetta significa algo oposto, violento, perigoso. Dante nos apresenta o ponto de vista mais machista e negativo sobre esta personagem do que o narrador, ou seja, Vendetta tem uma característica determinada: “Procedeu como menina de vida que é. Mais tarde ou mais cedo havia de acontecer. Trazem-no no sangue, é como se fosse hereditário.”¹¹⁸ [...] “Para mim é uma...”¹¹⁹ Segundo ele, o destino desta mulher é claro, ser prostituta. Sonia Alves de Queiroz, a doutoranda da Universidade de São Paulo, diz sobre a linguagem e o comportamento de Dante o seguinte:

O argumento biológico, que durante muito tempo foi utilizado para a distinção teórica de gênero uma ótica machista-positivista na trilha do determinismo de Hippolyte Taine, definido a mulher como ser passivo ou como pólo diabólico da relação amorosa, resume aqui a linhagem feminina do comportamento da Rebindita, que o amante resolve chamar de Vendetta, sinônimo de vingança, e ainda dedicar-lhe um conto. O tratamento pejorativo_ “é uma...” _ alia-se à ótica machista na narrativa.¹²⁰

Dante apresenta apenas uma visão negativa da moça, nenhum interesse pelos seus sentimentos, ou ao menos a tentação de compreendê-la, não se interessa pelas suas razões, apresenta só os preconceitos.

Por outro lado, o protagonista parece ver as coisas de maneira diferente. Ele diz: “Pobres coitadas. São primitivas no seu modo de amar.”¹²¹ [...] Se a viesses nua, se te queimasses no calor do seu corpo não terias tanto desprezo.”¹²² Por um lado, a sua visão revela uma certa compaixão e um entendimento com o comportamento dela. No entanto, esta compreensão e a pena é muito superficial e, no final, parece ainda mais desrespeitosa em relação com a mulher

¹¹⁷ Idem, ibidem, p. 46.

¹¹⁸ Idem, ibidem, p. 119.

¹¹⁹ Idem, ibidem, p. 120.

¹²⁰ Sonia Maria Alves de Queiroz, *Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras*, op. cit., p. 77.

¹²¹ Oswaldo Osório, *Nimões e Clara & Amores de rua*, op. cit., p. 119.

¹²² Idem, ibidem, p.120.

do que a do seu amigo: a mulher é para ele apenas um objeto sexual, subordinado ao homem e às suas necessidades. Ele usa uma linguagem suave, defendendo a moça, mas, significativamente, determina a sua posição inferior, como uma mulher “primitiva”.

Outro exemplo de contraste com Clara é Guida, a personagem do conto "Borboleta Evadida". Também Guida representa aquele tipo de mulher que tem uma conduta leviana, usa os homens, deixa-os pagar-lhe pelos seus gastos, troca os namorados. No conto referido, não se apresentam os preconceitos da parte dos homens, mas de certa forma vemos uma avaliação crítica da Guida por parte da nha Bia Djodja que diz ao protagonista: “Moço, é Guida, não é deveras! (...) Pois, continuou, ela sumiu com o Tutchinho naquela carrinha, não viste? Não é de hoje que eles têm a sua água-suja...”¹²³ A linguagem dela não é tão negativa como a de Dante, mas sentimos claramente uma crítica. Guida quer partir para o estrangeiro para ter uma vida melhor, anseia por ir para Lisboa e de lá, provavelmente, para a casa do irmão em França. Embora as suas ambições na vida definitivamente não sejam tão altas como as de Clara, podemos observar a sua determinação. Ela percebeu a situação nas ilhas, e a sua emigração pode ser compreendida como uma espécie de emancipação. O conto termina com a frase “Guida devia ir longe do farol de S. Pedro com Paris nos olhos”¹²⁴, que indica um certo sonho, uma visão de futuro e a crença em uma amanhã melhor. A personagem de Guida pode, portanto, ser entendida de forma negativa, mas também positiva. Apesar do seu comportamento em relação aos homens não ser aceitável, podemos ver que ela está a fazer tudo isso para realizar o sonho da sua vida – viver na cidade sonhada de Paris.

7.2 A posição da mulher dentro da família e na educação dos filhos

Outro tópico importante e significativo é a posição das mulheres dentro da família e do lar. Como dissemos, a mulher cabo-verdiana continua a ser considerada o centro da família, seja pela ausência do homem no agregado familiar, seja pela criação e educação dos filhos ou por outras razões sociais:

O modelo de organização familiar com maior peso continua ser o que atribui ao sexo feminino o principal encargo pelos trabalhos domésticos e pelos cuidados com as crianças “Sinto-me satisfeita. Gosto de cuidar dos meus filhos mas sinto uma certa falta da presença paternal. Se tivesse maior presença paternal sentir-me-ia mais satisfeita”, (Carla, 33 anos, licenciada em Relações Internacionais).¹²⁵

¹²³ Idem, ibidem, p. 110.

¹²⁴ Idem, ibidem.

¹²⁵ Ulisses do Rosário Borges da Veiga, *Conciliação entre vida profissional e familiar em Cabo Verde. O papel do estado e das famílias*, op. cit., p. 31.

A representante ideal do grupo de mulheres referido é Nha Almerinda do conto "O doido de Salamansa". No conto apresenta-se uma forte posição da Nha Almerinda na família. Nha Almerinda mora com a sua filha na casa no centro da cidade de Salamansa. Ao longo da história, não vemos mencionado nenhum homem no lar, assim podemos presumir que a sua família reconhece como a autoridade apenas a mãe. Nha Almerinda mostra até sinais de comportamento tipicamente masculino: "Nha Almerinda, quando viu o filho voltar, tirou o cachimbo da boca, cuspinhou e, fosse porque fosse, levou-o outra vez ao canto da boca e engoliu o que ia dizer."¹²⁶ Esta frase sugere que Nha Almerinda cumpre a função da autoridade no agregado familiar, assim como ela assume uma posição masculina na família. Essa visão, a mulher com "cachimbo da boca que cuspinha", não é típica para as mulheres, mas prioritariamente para os homens, nos quais, muitas vezes, o cachimbo significava expressão de uma certa superioridade e impunha respeito. A posição importante de Nha Almerinda na família marca-se, também, nas conversas, por exemplo na conversa com Conuxe, a sua filha: "Nha Almerida deu-lhes uma corrida., [...] Apareceu Nha Almerinda a zangar-se com Conuxe: "Bô câ enganám exe inocente!..."¹²⁷, ou na cena, onde Nha Almerinda zanga-se com outras crianças por eles zombarem de Pitra, o seu filho: "-Uá, bô câ bai, bô câ bai..."- Nha Almerinda deu-lhes uma corrida."¹²⁸ No primeiro lugar, as suas palavras despertam respeito e enfatizam a função didática da sua fala com as crianças. Ela é uma mulher que instrui, supervisiona e cuida dos filhos. Além disso, do trecho acima observamos que o autor utiliza o crioulo no discurso direto, o que reforça a visão de uma família tradicional cabo-verdiana, em que o crioulo é a língua de comunicação.

Ao contrário da posição marcante da Nha Almerinda, no conto "S. Silvestre" representa-se a posição subordinada da mulher na família. Neste caso, a posição do chefe da família pertence a Nhô Marcelino, que deixa a sua família quinze minutos antes da meia-noite para se encontrar com a sua amante. A sua mulher fica ignorada na casa com as suas filhas. Neste caso, ao contrário de Nha Almerinda, a mulher não é mostrada na posição de destaque, mas representa a posição obrigatória da mulher na família. Com a base na decisão do Nhô Marcelino vemos, que Paula, a sua amante, é mais importante. A posição subalterna da sua esposa na casa é sublinhada pelo fato de todos os personagens do conto terem nomes específicos, inclusive a sua amante, Paula. As duas filhas chamam-se Leonora e Cecília, assim a única personagem sem

¹²⁶ Oswaldo Osório, *Nimores e Clara & Amores de rua*, op. cit., p. 116.

¹²⁷ Idem, ibidem, p. 117.

¹²⁸ Idem, ibidem, p. 116.

nome específico é ela. Ao longo da história é chamada "mulher", o que pode trazer até conotações negativas. “Quando Nhô Marcelino disse à mulher que dia de S.Silvestre é dia de voluntareza [...]”¹²⁹, “Em casa de Nhô Marcelino, a mulher e as filhas resolveram começar o cuscuz.”¹³⁰ Apesar de o pai não se comportar de forma alguma como membro da família, o autor lhe dá autoridade e o seu lugar significativo, enquanto a mulher, que deveria ocupar este lugar, parece sem reconhecimento. Assim, o autor mostra-nos um imerso contraste, onde no primeiro conto apresenta-nos Nha Almerinda com uma personalidade de destaque, e no segundo conto ao contrário, a mulher não recebe nenhum brilho apesar da sua posição importante.

Outro tipo de dona de casa é representado pela personagem Vi do conto "Um homem só". Neste conto não temos esboço muito a relação de Vi com o seu filho Ró, mas pela situação, podemos reconhecer que ela mesma é a dona de casa, que ficou com o seu filho pequeno. O narrador-personagem, que no primeiro momento designa o menino de inocente, “Ró, tamanino, dormita inocente.”¹³¹, posteriormente, ele fica irritado com ele, porque os perturba. Neste momento, vemos o cuidado da sua mãe que vai consolar o filho: “Vi amamenta o filho e trava-lhe a choradeira inoportuna.”¹³² Neste caso, apresenta-se nos a mulher que não ocupa posição de destaque, assim como o autor não nos mostra as circunstâncias todas, em que ela vive. Pesar disso, mostra-nos claramente o vínculo entre a mãe e o filho. Esta relação, mãe-filho, é muito comum nas famílias matrifocais de Cabo Verde.

Outro fenómeno comum em Cabo Verde relacionado a família considera-se a educação infantil. Claro, inicialmente essa tarefa recai sobre a mãe, que cuida da família. Muitas vezes, porém, uma empregada doméstica é colocada neste papel, assim como afirmam alguns estudos sociais, por exemplo o estudo de doutoranda Ulisses do Rosário Borges da Veiga: “E a empregada doméstica cuida também das crianças enquanto os pais trabalham.”¹³³

Porém, a história de *Nimores e Clara* coloca nesta posição a personagem de Nha Ascença. No capítulo "O voo guiado de Alígera", Nha Ascença é apresentada ao leitor como a aia e a mulher, que esteve o assistente do parto de Nimores e, posteriormente, cuidou dele desde o seu nascimento, por causa da morte da mãe de Nimores. Apesar de não ser a sua mãe biológica, ela assumiu a criação do menino.

¹²⁹ Idem, ibidem, p. 113.

¹³⁰ Idem, ibidem, p. 114.

¹³¹ Idem, ibidem, p. 111.

¹³² Idem, ibidem.

¹³³ Ulisses do Rosário Borges da Veiga, *Conciliação entre vida profissional e familiar em Cabo Verde. O papel do estado e das famílias*, op. cit., p. 32.

Servira de parteira à mãe de Nimores, que, em resultado de uma queda no terreiro da Casa Grande, viria a falecer puerpera, “Avé Maria graça” como designava a Nha Ascença à morte de parto. Desde então mostrou-se desvelada substituta da protetora de Nimores, em cujos excessos de cuidados envoltos em credences e superstições meu padrinho não interferia com receio de a contrariar, as quais começavam a povoar o imaginário infantil do rebento tardio.¹³⁴

Na amostra, o autor diz claramente, que Nha Ascença ocupou um lugar íntimo na educação de Nimores, substituindo a sua falecida mãe. A educação caía nas mãos da empregada e, como diz Clara, nem Padrinho, único homem, não se intrometia nesta área. Por esta razão, a importância das mulheres na família ainda crescia.

7.3 A sexualidade

O tema da sexualidade está presente em quase todas as histórias no livro, tornando-se, assim, um dos temas centrais do autor. Este tema faz parte de vida quotidiana das mulheres cabo-verdianas já durante muito tempo.

O conto "Cantárida" difere-se dos demais por ser muito sensual e carregado de nuances sexuais. Já desde início o leitor está envolvido nas situações muito sensuais: “Houve um tempo ligeiro de brisa e silêncio nos seus corpos. Rodeando-lhe a cintura e indo buscar-lhe o queixo com a ponta dos dedos sujos de terra húmida, [...]”¹³⁵ Além da sexualidade, ao contrário de outros contos, o conto "Cantárida" caracteriza-se por descrições muito detalhadas. Partes específicas, como vemos na amostra, do corpo como cintura, corpo ou dedos, são destacadas. Além disso, o autor tenta evocar sentimentos sensuais no leitor e ataca os sentidos de várias maneiras. “Olhando para as árvores perguntou-lhe que cheiro era o da resina que envernizava aqui e ali os troncos.”¹³⁶ Vemos, que o olfato e o tato ganham destaque na história amorosa. Estes atributos são uns dos que acrescentam no conto uma carga de sexualidade e sensualidade. A sexualidade, neste caso, percebe-se de maneira bonita e muito artística, por causa da relação real entre os amantes. Os jovens estão realmente apaixonados e vêm-se não só como uma fonte de prazer e desejo sexual, mas a intimidade apresenta-se como um valor adicional depois do amor que sentem. O importante é que o homem perceba a conexão real entre eles, que ele expressa através da energia sexual. O conto termina:

E ele, não resistindo à sua beleza, recebeu-a de novo nos braços. Sentaram-se, repousando a cabeça no regaço frondoso que lhe abria os caminhos que conduzem ao esquecimento de si. E,

¹³⁴ Oswaldo Osório, *Nimores e Clara & Amores de rua*, op. cit., p. 26.

¹³⁵ Idem, *ibidem*, p. 107.

¹³⁶ Idem, *ibidem*.

obedecendo a esse apelo interior, estendeu-se flexuosamente sobre ela, que se deixou cair para trás. Um rumor martelou num crescimento aflitivo o ar ou o próprio solo.¹³⁷

Todo o texto está cheio de conotações sexuais, onde a sexualidade nasce do amor e é uma fonte de fortes sentimentos em relação a si mesmos. Esse tipo de sexualidade pode ser considerado positivo. Este tipo da sexualidade e intimidade não é tão frequente, como a sexualidade em uma relação bem não definida.

Ao contrário de esta intimidade sensual com sentimentos puros, encontramos na obra um montão de histórias cheias de sexualidade com as conotações negativas. Começando com o conto “Rebindita”, onde nos situamos no baile e o narrador-personagem descreve-nos a dança da coladeira:

Creio que fui levado pelo intento curioso de descobrir quem se escondia por detrás da máscara, do que propriamente pela ideia de fêmea. Apanhámos o Artur dos táxis. Quando vi o carro passar a Salina e cortar para a Chã de Cemitério, pensei, com relutância, que podia ser qualquer daquelas meninas do Curral...¹³⁸

Na percepção do narrador-personagem, vemos o que a mulher foi para ele o objeto de desejo sexual. A palavra "fêmea" em conexão com uma mulher, um ser humano, parece muito vulgar e inferior, o que, apenas, enfatiza a atitude do autor. Em linguagem educada e ética, não se usa esta expressão em relação a uma mulher. Esta combinação de palavras evoca o reino animal e os seus impulsos sexuais, que eles seguem. Neste sentido, poderíamos falar de uma percepção sexual muito negativa. O narrador confirma esta realidade ainda quando descreve como ela desperta nele sentimentos sensuais e sexuais:

Se a visses nua, se te queimasses no calor do seu corpo, não terias tanto desprezo [...]. Não é preciso dizer-te que ela dança a coladeira fera como nenhuma. [...] ao pôr-se nuíinha: seios de virgem, rapaz, tesos e cónicos como açúcar de forma da Praia, da cor do açúcar mascavado, que chupei em ponto de reбуçado fervendo dentro de mim, ao sentir-lhes a consistência. O ventre d meia-lua onde se encastoava ligeiro acidente que me passava quase despercebido, o umbigo, liso e a adelgaçar-se era também de mulher que nunca tinha engravidado. Vibrátil e de carícias de dedos de seda. Mínimo toque a enlanguesce. Dá-se entre gemidos, afagos e, se morde, fá-lo para desencadear novas torrentes de prazer¹³⁹

O narrador é, de facto, muito orientado sexualmente para Rebindita. O autor usa partes específicas do corpo e evoca sentimentos sensuais para criar uma atmosfera sexual e expressar a percepção do narrador sobre a mulher. No entanto, ao contrário de Cantárida, apesar de usar as mesmas palavras e quer criar a mesma atmosfera, vemos que o seu desejo é puramente sexual

¹³⁷ Idem, ibidem, p. 108.

¹³⁸ Idem, Ibidem, p. 121.

¹³⁹ Idem, ibidem, p. 120.

e não está ligado a nenhum sentimento mais profundo, que levasse a qualquer relacionamento significativo. Para o homem, essa mulher é uma questão puramente física. O comportamento mencionado, seja diretamente pelo narrador ou pelo seu amigo Dante, que a despreza, pode ser percebido como violência psicológica.

O caso mais suave onde aparece, marginalmente, o tema da sexualidade é Dejanira. Apesar de que na história de *Nimores e Clara* este tema não seja um dos temas centrais e não seja expresso de forma tão explícita como em outros contos, ainda podemos encontrar nesta personagem as sementes e indícios deste fenômeno. No início da história, a relação entre Dejanira e Nimores pode dar impressão de que se trata de uma relação amorosa. O próprio Nimores diz: “[...]teria de me decidir entre a cândida Clara e a sensual Dejanira e, logo, entre o ritmo devastador da Praia e a pachorra do campo, ainda que a transformar-se com a introdução de novas tecnologias com efeitos irreversíveis sobre os costumes.”¹⁴⁰ Nimores nos apresenta a sua percepção diferente destas duas mulheres. Embora no fim, ele tem fortes sentimentos por Clara, no início sentimos que ele está a colocar os seus desejos sexuais em Dejanira. A ingênua Clara, o possuidor da tradição, e a sensual Dejanira, que age sobre ele como uma força destruidora da modernização do meio ambiente, de forma rápida, eficaz e sem possibilidade de defesa. Esta impressão está apoiada pelas dúvidas de Clara. As suas preocupações se manifestam, por exemplo, no piquenique, onde Nimores veio com Dejanira e saem juntos para jantar. Clara comenta: „Ele e Dejanira dirigiram-se para o thunderbird branco. Fiquei apática a olhá-los enquanto acenavam.”¹⁴¹ Clara deixa-nos saber explicitamente que a visão dos dois a deixa com ciúmes. Clara expressou os seus maiores medos no conto „Clara: Pesadelo e paraíso“, onde durante o seu sonho ela teve uma visão de como Dejanira lentamente, mas seguramente ganhava Nimores.

Meu sexto sentido nunca me enganou: Nimores vinha dando uma de cuco. Quando assim punha-me a pensar voltava o sonho com os seus maus presságios, e as lágrimas excureciam-me os olhos. Via-o envolto nas próprias tripas, esfaqueado pelo marido de Dejanira. Mas não era que se tornaram banais os casos de infidelidade e o badio perdera o severo orgulho ancestral de não se assumir traído pela mulher? Teria...? Essas inquietações, em vagas densas, sucediam-se e assaltavam a razão subvertendo-a, talvez pelo sentimento novo que experimentava da „posse do meu“, que perdia a favor da rapinante Dejanira.¹⁴²

Clara, uma menina muito decente, educada e sensata, usa o termo "rapinante" para descrever Dejanira, que não é usado na fala comum e evoca em nós conotações negativas. Outra situação,

¹⁴⁰ Idem, ibidem, p. 37.

¹⁴¹ Idem, ibidem, p. 28.

¹⁴² Idem, Ibidem, p. 30.

onde percebemos que Dejanira é um tal de tentação sexual para Nimores, é no bar Lucialima's Love, onde, para variar, a cena de ciúmes está criada por Herculano. A situação se agrava até o ataque do arpão, e isso só porque Nimores cumprimentou Dejanira. É um certo indicador de que, apesar de nunca terem tido nenhum relacionamento, algo sexual estava acontecendo entre eles. Por último, podemos pressupor, que, o autor, também neste caso, usa o simbolismo dos nomes. Como já temos dito, Clara que tem o simbolismo de pura, inocente e Dejanira, que soa como palavra desejo.

Relacionamentos semelhantes, baseados na atração e no desejo sexual, além das histórias mencionadas, podem ser encontrados nos contos "Um homem só", onde o protagonista vai à noite para a casa da sua amada e nos conta, que bem se sente com ela, e no conto "Borboleta evadida", onde, novamente, o protagonista fala sobre o seu desejo por uma mulher que, para ele, seja mulher que nunca se esqueça. Em ambos casos, não temos atos sexuais claramente representados ou descrições das noites que passaram juntos. Mas pelo enredo das histórias, sentimos, que o protagonista sempre sente algum tipo de tensão sexual que o leva até a mulher dada. Esta tensão e desejo sexual, muitas vezes, costuma ser o motivo e a fonte da infidelidade.

7.4 A infidelidade

A infidelidade é um dos fenómenos sociais muito comuns em Cabo Verde, que afeta as mulheres cabo-verdianas e as relações que têm. Na obra, como já temos visto, existem várias histórias que retratam e descrevem diretamente situações relacionadas a este fenómeno desfavorável. Dos contos, onde um dos temas principais é o adultério são "S.Silvestre" e "Rebindita".

O conto "S.Silvestre" narra diretamente sobre o tema da infidelidade e a posição submissa da mulher no lar. A história, como já sabemos, fala sobre a passagem de ano e mostra-nos uma família onde vemos a celebração na noite sob dois pontos de vista. Por um lado, existe a mãe com duas filhas que esperam o pai que partiu. Por outro lado, temos o pai que abandona a família quinze minutos antes da meia-noite com uma mentira na boca.

Quando nhô Marcelino disse à mulher que dia de S. Silvestre é dia de voluntareza e por isso ia ver o side-car que, na véspera, rondara perto da Padaria Matos, ela argumentou "E por que só agora te lembrás? Faltam quinze minutos para a meia-noite... O Ano Novo vai apanhar-te fora

de casa”. “Moj, papá”, aborreceu-se Leonora. “É ir e voltar, gente!” Leonora ficou a pasmar na porta que se fechara atrás do pai.¹⁴³

Apesar de elas tentarem convencer ao Nhô Marcelino a ficar com elas neste dia comemorativo, na sua reação apresenta-se o desinteresse absoluto pela família. Assim, no que se refere a sua família, Nhô Marcelino apresenta-se com um tom frio, uma relação insensível, enfatizada pela expressão austera de que ele voltará. Dirigiu-se à família com a palavra "gente", que parece fria e desinteressada ao leitor. Ao contrário, a personagem mostra-nos grande interesse pela sua amante Paula, quando a buscar.

Não havia luz, mas bateu. Como ninguém respondesse, deu volta para o portão, quando meia-noite caiu com sinos na igreja, apitos de barcos fundeados na baía, clarões no céu e um vozear indistinto que vinha não muito longe, trazido pela viração. Instintivamente olhou para o relógio. Nhô Marcelino pensou que talvez Paula estivesse a “rodear igreja”, como tantos que o fazem nesse dia, por devoção ou promessa.¹⁴⁴

No início, nhô Marcelino explica, que S. Silvestre é uma questão de vontade, e no fim vemos claramente, que utilizou a frase como a justificação para poder sair de casa. O conto termina: “Em casa de nhô Marcelino, a mulher e as filhas resolveram começar o cuscuz...”¹⁴⁵ A escolha da amante sobre a sua família é um problema que muitas vezes causa sofrimento psíquico às mulheres. Como diz doutoranda Sonia Maria Alvez de Queiros: “O Artigo 2 da Convenção de Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (CEDAW) explica que a violência contra a mulher inclui a violência sexual, física e psicológica[...].”¹⁴⁶ Esta realidade é, muitas vezes, perpetrada contra as mulheres, e, infelizmente, não atinge a consciência das pessoas da mesma forma do que a violência física. A doutoranda Gemi Mendes de Brito e doutora e professora Tânia Maria de Araújo Lima¹⁴⁷ dizem sobre a violência:

A violência faz com que a vítima perca sua autonomia, sua autodeterminação para pensar e agir como queira. A violência contra a mulher está ligada diretamente ao preconceito e ao abuso de poder cometido pelo homem, diante da vulnerabilidade feminina.¹⁴⁸

O conto "Rebindita" já analisámos várias vezes. Focalizamo-nos, agora, no momento, onde o homem narra sobre o adultério e a sua posição. O protagonista diz:

¹⁴³ Idem, ibidem, p. 113.

¹⁴⁴ Idem, ibidem.

¹⁴⁵ Idem, ibidem, p. 114.

¹⁴⁶ Sonia Maria Alves de Queiroz, *Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras*, op. cit., p. 34.

¹⁴⁷ Veja *Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n.24, 2015

¹⁴⁸ Gemi Mendes de Brito, Tânia Maria de Araújo Lima, “Dina Salústio e a violência de gênero na literatura cabo-verdiana”, *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, [S. l.], n. 24, p. 55–69, 2017, disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/354> (acesso em 08.02.2023).

Eu quero ser sincero no conto. Não me importo com os moralistas. É por eu ser casado que devo negar o seu reduto de poesia? Não será por isso mesmo que me sinto em dívida para com a pobre rapariga? Escuta: quando a minha mulher se ausentou para esse posto escolar de João Teves, senti que se desterrava com ela tosa a nossa lua-de-mel porque são elas o favo e, ao mesmo tempo, o mel. Durante a sua estada ali fiz por me portar condignamente à minha condição de homem casado. Sobretudo queria respeitar a ausência da Mágia. Não sei se reparaste que comecei a faltar aos bailes no Miradouro. Tolentino e às nossas farras. Não te conto tais coisas para me desculpar. Não. Nem para significar que procedia esforços a fim de manter as limitações que me impunham, tanto pelo facto de ter deixado o estado de solteiro como pela saída da minha mulher. Se assim fosse não valeria a pena discutir contigo.¹⁴⁹

O protagonista nos explica, que, na verdade, não escolheu este destino ele mesmo e tudo é causado apenas pela ausência da sua esposa. A sua expressão pode parecer bastante cômica, pois ele descreve a infidelidade, que, ainda é percebida negativamente na sociedade, como algo, que aconteceu só assim, que veio na sua vida e ele teve de lutá-lo. Neste caso, não vemos o desinteresse absoluto pela esposa, como no caso de Nhô Marcelino, mas vemos um monte de desculpas, com as quais ele justifica, comicamente, as suas ações. No fim, o narrador-personagem diz: “Depois dessa noite, outras se repetiram como continuação do louco envolvimento iniciado no Carnaval, no Éden. Se a Mágia sabe, ignoro. De nada me fez reparo.”¹⁵⁰ Com a base neste curto discurso direto, ele explicitamente afirma, que não se arrepende, mesmo que a sua esposa descubra o caso do seu adultério. Esta atitude pode considerar-se francamente narcisista e superior ao sexo feminino.

¹⁴⁹ Oswaldo Osório, *Nimores e Clara & Amores de rua*, op. cit, p. 120.

¹⁵⁰ Idem, *Ibidem*, p. 121.

8. Considerações finais

Esta tese tem por objetivo conduzir o leitor pela vida da mulher cabo-verdiana na sociedade. Com a base no conhecimento adquirido em estudos dedicados à história, cultura e o desenvolvimento das ilhas, o trabalho trata da comparação da posição das mulheres cabo-verdianas na sociedade no passado e no presente, chamando atenção à melhoria do seu estatuto geral. Com a base nesse conhecimento teórico, a tese, na parte prática, apresenta a problemática feminina representada na obra de alguns dos principais escritores cabo-verdianos, homens e mulheres, dedicando-se, na sua parte central, à obra do escritor contemporâneo Oswaldo Osório.

O livro *Nimores e Clara & Amores de Rua* (2003), escolhido para uma análise mais detalhada, apresenta-nos diversas personagens femininas, através das quais o autor conseguiu captar, exemplarmente, vários tipos e grupos de mulheres, que se encontram na sociedade cabo-verdiana. Na obra, conhecemos o destino de uma mulher que alcançou sucesso até internacional na sua carreira, mas também mães e donas de casa como representantes de uma família matrifocal, amantes e namoradas com destinos e ambições diferentes, mulheres livres que vivem para a alegria do momento, outras vivendo para a sua missão pessoal ou para a sua família. Apresentam-se mulheres que assumem elementos de comportamento masculinos, assim como mulheres delicadas e sensuais, simbolizando o puro amor feminino. O autor mostra-nos amores imaturos e maduros, felizes ou dolorosos. Apresentam-se personagens femininas que despertam atenção e respeito, assim como aquelas que, ao contrário, despertam desprezo, pena ou tristeza. Podemos concluir que Oswaldo Osório conseguiu nas narrativas do livro retratar cada mulher como um ser humano único, com características e vidas diferentes.

Nos destinos das personagens femininas, apresentam-se elementos de estereotipização na visão da mulher da parte da sociedade, sendo ela vista como um ser inferior e submisso ao homem. Fica evidente que o autor tenta combater os preconceitos contra as mulheres cabo-verdianas, e que as coloca acima dos homens em muitos casos, mostrando o seu lugar importante na sociedade. Celebra a mulher como uma encarnação da beleza e sensualidade, mas também sublinha a sua capacidade intelectual, apresentando-nos os seus êxitos e ambições na sociedade, no trabalho, na vida pessoal e amorosa.

O autor mostra que a mulher cabo-verdiana tem um papel muito importante na sociedade, sobretudo no espaço familiar, de que ela cuida e o qual preserva. A criação dos filhos e a sua educação é, na maioria dos casos, a responsabilidade das mulheres. Infelizmente, a sociedade nem sempre reconhece a sua posição fundamental. Também é importante que as

mulheres desenvolvam os seus talentos, estudem o que gostam e vão atrás dos seus sonhos. Estamos em uma época em que direitos humanos iguais devem ser aplicados em todos os lugares, independentemente do género. Todas as pessoas devem ter as mesmas oportunidades. Por esta razão é importante divulgar a importância do género feminino e tentar reduzir qualquer forma de discriminação:

As mulheres foram durante muito tempo, deixadas à sombra da história, é preciso recusar a ideia de que as mulheres seriam em si mesmas um objeto de história. É o seu lugar, a sua condição, os seus papéis e os seus poderes, as suas formas de ação, o seu silêncio e as suas palavras que pretendemos perscrutar, a diversidade de suas representações.¹⁵¹

Espero, firmemente, que tenhamos conseguido aproximar aos leitores deste trabalho não só a questão da problemática do género feminino na sociedade, mas também ampliar o conhecimento sobre as ilhas de Cabo Verde, os seus autores, a literatura e a cultura. Acredito, também, que esta obra irá despertar o interesse pela literatura cabo-verdiana e, sobretudo, pela produção literária de um dos autores mais importantes da cena contemporânea que, apesar de ter perdido a visão, não desistiu de escrever, continuando a produzir obras de excelente qualidade.

¹⁵¹ Michelle Perrot, George Duby, *História das mulheres no Ocidente: o séc. XIX*, Vol.4, Porto: Afrontamento, 1991, p. 7.

Resumo em eslovaco

Táto diplomová práca sa zameriava na analýzu ženského elementu v poviedkovej knihe *Nimores e Clara & Amores de rua* (2003) kapverdského súčasného spisovateľa Oswalda Osória. Práca je rozdelená na šesť častí. Prvé tri sú teoretické. V prvej časti sa práca zaoberá všeobecnými informáciami o Kapverdských ostrovoch, doplnenými o historickú a kultúrnu panorámu krajiny. Druhá časť sa zaoberá postaveniu žien v rámci spoločnosti na Kapverdských ostrovoch. Tretia časť je zameraná na zobrazenie ženského elementu v literatúre najväčších kapverdských autorov a autoriek. Praktická časť sa venuje životu autora, jeho dielam a všeobecným charakteristikám jeho tvorby. Následne práca predstavuje a rozoberá deje jednotlivých poviedok samotnej analyzovanej knihy *Nimores e Clara & Amores de rua* (2003). Posledná časť analyzuje ženský element a interpretuje analyzované poviedky na základe vyčlenených oblastí.

Resumo em inglês

This thesis focuses on the analysis of the female element in the book of short stories *Nimores e Clara & Amores de rua* (2003) by the Cape Verdean contemporary writer Oswald Osório. The thesis is divided into six parts. The first three are theoretical. The first part presents general information about the Cape Verde Islands including historical and cultural panorama of the country. The second part analyses the position of women within society in the Cape Verde Islands. The third part focuses on the depiction of the female element in the literature of the greatest Cape Verdean authors. The practical part of the thesis is devoted to the life of the author, his literary work and its general characteristics. The paper then presents and discusses the story of the individual short stories of the *Nimores e Clara & Amores de rua* (2003). The last part focuses on the female element and interprets the analysed short stories based on the selected areas.

Bibliografia

Livros

- AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*, Rio de Janeiro: Record-Rosa dos Tempos, 1997
- BACELAR, Jeferson Afonso. *A família da prostituta*. São Paulo: Ática, 1982
- BETTENCOURT, Fátima. *Mar – caminho adubado de esperança (contos)*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 2006
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*, Oeiras: Celta Editora, 1999
- BRADÃO, Isabel & MUZARD, Zahidé L.. *Refazendo nós: ensaios sobre mulheres e literatura*, Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003
- CARREIRA, António. *Cabo Verde: classes sociais, estrutura familiar, migrações*, Lisboa: Ulmeiro, 1977
- CARREIRA, António. *Cabo Verde. Formação e extinção de uma sociedade escravocrata (140-1878)*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2000
- COUTO, Carlos Ferreira. *Estratégias familiares de subsistência rurais em Santiago de Cabo Verde*, Lisboa: Instituto da Cooperação Portuguesa Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2001
- DUARTE, Dulce Almada e ALFAMA, Jorge Miranda. *Antologia da ficção cabo-verdiana. Claridosos.*, Vol II, Praia: AEC, 2001
- DUARTE, Vera. *Construindo a utopia. Temas e conferências sobre direitos humanos*, Praia: Tipografia Santos Ltda, 2007
- DUBY, George; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: o séc. XIX*, Vol.4, Porto: Afrontamento, 1991
- DUNCAN, T. Bentley. *Atlantic islands Madeira, Azores and the Cape Verde in seventeenth-century commerce and navigation*, Chicago and London: University of Chicago Press, 1972
- FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, 1.a edição, Lisboa: Bertrand, 1977
- GOMES, Crispina. *Mulher e poder o caso de Cabo Verde*, Praia: IBNL, 2011
- HAMILTON, Russell. *Literatura africana, literatura necessária*. Lisboa: Edições 70, 1984
- KLÍMA, Jan. *Dějiny Kapverdských ostrovů, Dějiny Svatého Tomáše a Princova ostrova*, Praha: Nakladatelství lidové noviny, 2017

- KLÍMA, Jan. *Květy ostrovní Sahary: Kapverdská literatura*, Dolní Břežany: Scriptorium, 2019
- LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, Lisboa: Universidade aberta, 1995
- LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*, 2.a edição, Lisboa: Edições Colibri, 2013
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas nas literaturas africanas*, Lisboa: Edições Colibri, 2014
- LOPES, Baltasar. *Chiquinho*, São Paulo: Ática, 1986
- LOPES FILHO, João. *Ilha de São Nicolau: Cabo Verde: formação da sociedade e mudança cultural*, 1.ed., Lisboa: Secretaria-Geral-Ministério da Educação, 1996
- MARIANO, Gabriel. *Cultura caboverdeana: ensaios*, Lisboa: Vega, 1991
- MASCARENHAS, Maria Margarida. *Levedando a Ilha*, Praia: ICL – Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1988
- MONTEIRO, Eurídice Furtado. *Mulheres, democracia e desafios pós-coloniais: uma análise da participação política das mulheres em Cabo Verde*, Praia: Imprensa Nacional de Cabo Verde, 2009
- OSÓRIO, Oswaldo. *Nimores e Clara & Amores de rua*, Cidade da Praia: Spleen Edições, 2003
- PISCITELLI, Adriana, GOLDANI, Ana Maria. *A prática feminista e o conceito de gênero*, São Paulo: IFCH/UNICAMP, 2002
- SALÚSTIO, Dina. *Mornas eram as noites*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1994
- SILVA, Tomé Varela da. *Antologia da ficção cabo-verdiana. Pós-claridosos.*, Vol III, Praia: AEC Editora, 2002
- SOUZA LOBO, Andréa de. *Tão longe tão perto: famílias e “movimentos” na ilha de Boa Vista de Cabo Verde*, Praia: Edições Uni-CV, 2012
- SPRINGER DE FREITAS, Renan. *Bordel, bordéis: negociando identidades*, Petrópolis: Vozes, 1985
- VEIGA, Manuel. *Cabo Verde: insularidade e literatura*, Paris: Karthala, 1998
- XAVIER, Elódia. *Tudo no feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991

Teses

- ALVES DE QUEIROZ, Sonia Maria. *Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010
- BORGES DA VEIGA, Ulisses do Rosário. *Conciliação entre vida profissional e familiar em Cabo Verde. O papel do estado e das famílias*, Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2010
- FONSECA, Carmelita & FORTES, Celeste. *As mulheres em Cabo Verde: experiências e perspetivas*, Praia: Edições da UNICV, 2011
- *Quem beneficia com a liberalização do comércio em Cabo Verde? Uma perspetiva de género*, Geneva: Publicação das Nações Unidas, 2011
- LOPES, Arcádio Victor. *A problemática da participação das mulheres nos órgãos de poder político: o caso do Parlamento Cabo-verdiano*, Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2013
- *Mulheres e homens em Cabo Verde, factos e números*, Praia: Instituto Nacional de Estatística, 2008
- TAVARES MONTEIRO, Maria Ivone. *Família e género na perspectiva das mulheres kumbóssas: um estudo etnográfico no Concelho de Santa Catarina, Ilha de Santiago/Cv*, Praia: Universidade de Cabo Verde, 2013

Páginas web

- Boletim Oficial, Suplemento, Sumário, I Série, Número 37, Cidade da Praia: Conselho de Ministros: Decreto-Legislativo n. 5/2007, 16 de Outubro de 2007, disponível em: <https://www.ilo.org/dyn/travail/docs/1157/Labour%20Code.pdf> (acesso em 08.01.2023)
- BRITO-SEMEDO, Manuel. “‘As Ilhas do meio do mundo’, de Oswaldo Osório”, 25 de Novembro de 2016, disponível em: <https://brito-semedo.blogs.sapo.pt/as-ilhas-do-meio-do-mundo-de-oswaldo-565708/> (acesso em 28.08.2022)
- CABRAL, Iva. “Apresentação do livro: Cabo Verde - abolição da escravatura – subsídios para o estudo”, disponível em: <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/351/1/Abolição%20da%20Escravatura.pdf/> (acesso em 05.12.2022)
- “Esquina do Tempo: Oswaldo Osório, Caboverdiamadamente construtor da palavra”, Expresso das ilhas, 25 de Julho de 2016, disponível em:

- <https://expressodasilhas.cv/cultura/2016/07/25/esquina-do-tempo-oswaldo-osorio-caboverdiamadamente-construtor-da-palavra/49526/> (acesso em 07.05.2023)
- Instituto Nacional de Estatística: Cabo Verde, 2016, disponível em: <https://ine.cv/> (acesso em 21.10.2022)
 - MATOS SILVA, Milene. “Oswaldo Osório, contista do Mindelo”, 2004, disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/oswaldo-osorio/> (acesso em 28.08.2022)
 - MENDES DE BRITO, Geni, ARÁUJO LIMA, Tânia Maria de. “Dina Salústio e a violência de gênero na literatura cabo-verdiana”, Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, [S. l.], n. 24, p. 55–69, 2017, disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/354> (acesso em 08.02.2023)
 - MIRANDA, António. “Oswaldo Osório”, Agosto de 2008, disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/cabo_verde/oswaldo_osorio.html/ (acesso em 16.08.2022)
 - NOGUEIRA, Gláucia. “Cantigas de trabalho”, 8 de Abril de 2020, disponível em <https://www.caboverdeamusica.online/cantos-de-trabalho/> (acesso em 07.05.2023)
 - “Oswaldo Osório apresenta o sétimo livro de poemas intitulado ‘Tiresias’”, Infopress, 30 de Novembro de 2019, disponível em: <https://inforpress.cv/oswaldo-osorio-apresenta-o-setimo-livro-de-poemas-intitulado-tiresias/> (acesso em 04.07.2022)
 - SANTOS, Clara Almeida. “História dos media em Cabo Verde”, 30 de Março de 2007, disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/media/intro.htm/> (acesso em 04.11. 2022)

Tablas

- Ficheiro Cabo Verde em números - corrigido, 3 de Abril de 2023, disponível em: https://ine.cv/censo_quadros/cabo-verde-corrigido/ (acesso em 2.5.2023)
- Tabla de RGPH 2010 – Cabo Verde em números, 10 de Janeiro de 2017, disponível em: <https://ine.cv/quadros/rgph-2010-cabo-verde-em-numeros/> (acesso em 4.5.2022)
- Tabla de I Recenseamento Prisional, 17 de Maio de 2019, disponível em: <https://ine.cv/quadros/i-recenseamento-prisional-2018/> (acesso em 5.5.2022)

Dicionários

- Dicionário Priberam da língua portuguesa, 2022, disponível em: <https://dicionario.priberam.org> (acesso em 06.05.2023)

Anotação em português

Autor:	Bc. Romana Chovancová
Faculdade e Departamento:	Faculdade de letras, Departamento das línguas românicas
Título da tese:	A representação da mulher cabo-verdiana na obra de Oswaldo Osório
Orientador da tese:	PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.
Número de caracteres:	141 771
Número de anexos:	0
Número de referências bibliográficas:	55
Palavras-chaves:	Cabo Verde, Oswaldo Osório, Nimores e Clara & Amores de rua, África, análise, literatura cabo-verdiana, literatura africana lusófona, literatura feminina, mulheres na sociedade, escritura literária de autoria feminina e masculina
Caraterização breve da tese:	Esta tese de mestrado ocupa-se com a representação da mulher cabo-verdiana na sociedade e na literatura. A tese apresenta a vida e a obra do autor cabo-verdiano Oswaldo Osório e analisa o livro <i>Nimores e Clara & Amores de rua</i> (2003) e o elemento feminino nas histórias do livro.

Abstract in English

Author:	Bc. Romana Chovancová
Faculty and Department:	Faculty of art, Department of romance languages
Title of the thesis:	The representation of Cape Verdean women in the work of Oswaldo Osório
Supervisor:	PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.
Number of characters:	141 771
Number of appendices:	0
Number of bibliographical references:	55
Key Words:	Cape Verde, Oswaldo Osório, <i>Nimores e Clara & Amores de rua</i> , Africa, analysis, Cape Verdean literature, Lusophone African literature, women in literature, women in society, literary writing by women and men
Short characteristic of thesis:	This thesis focuses on the representation of Cape Verdean women in society and literature. It presents the bibliography and work of Cape Verdean author Oswaldo Osório and analyses the book <i>Nimores e Clara & Amores de rua</i> (2003) with the focus on the female element in the book's stories.